M^lle. Vitalina Brasil

RAINHA HELENA
DA ITALIA

FOLHETIM

o 28 o

JULES MARY

AMO-TE

SEGUNDA PARTE

— Mas, senhora, nem penseis nisso. A menos que me permittaes...

— Deixae-me, já vos disse.

E afastou-se.

— Sou eu quem ella afasta e é o vagabundo que retem a seu lado! Idiota que sou! A burgueza trata de fazer popularidade em torno de seu nome.

Montbriand reconheceu a voz de Genoveva. Esperou que ella decidisse de sua sorte. Quando o jardineiro desappareceu, ella dirigiu-se a elle deliberadamente e, tocando-lhe o braço, sem emoção apparente, mas com uma especie de impaciencia raivosa:

— Finalmente, Heitor, que pretendes?

Da janella do salão, a mesma em que ha pouco se achava a condessa, o pae Trinque, inquieto, não os perdia de vista.

— Queria ver-te ainda uma ultima vez.

— Para que? Ser-te-ia isso inutil? Já não acabou tudo entre nós? Não ignoras o meu proximo casamento. Tua insistencia em procurar-me, tua recusa em deixar Clermaret...

— Eu nada recuso, Genoveva.

— Sinão é recusa, pelo menos procuras retardar a tua retirada daqui; tudo, finalmente, em teu procedimento torna difficil a minha situação perante Turgis. Não devo mais nem te falar nem te ver. Não passas agora para mim de uma pessoa estranha.

— Será possivel?

— Raciocina bem, peço-te, sê homem prudente. Outr'ora me causaste tanto mal com tua indifferença e com teu abandono. E agora com tua obstinação, embora saiba não obedecer a calculo ou instinctos maus, vens perturbar a tranquillidade de minha vida, arriscando-me a perder inteiramente a confiança que Turgis tem depositado sempre em mim. "Esqueces que sou livre, Heitor, bem que nosso divorcio só tenha de ser resolvido ainda daqui ha alguns dias. Sou livre e tenho o direito de dar ordens.

— Oh! como és cruel! Não estou prestes a obedecer-te em tudo?

— Eu t'o repito: é preciso seres ajuizado, pois é irrevogavel o acto de nossa separação. Tu que de modo tão notavel te illudiste sobre a mulher com quem te casas-te, a quem não a conheces ainda, ou antes, que só vieste a conhecer depois que ella não te pertence mais, pelo teu procedimento agora, faz-me adivinhar o que vae de pezar pela tua alma — ia dizer remorso — e que estarias disposto sem duvida a unir facilmente a cadeia que nos ligou no passado e que tu tornaste tão pesada a quem não se julga com os mesmos motivos para carregal-a de novo.

— Duvidas talvez de um arrependimento, Genoveva?

— Creio nelle. Mentiria certamente, dizendo que não me enterneceu a tua volta e que não me commoveu o facto de encontrar-te em minhas officinas, como simples operario, trabalhando como qualquer delles, queimado pela chamma esbrazeante dos fornos, modesto, resignado, satisfeito talvez por estar a alguns passos de mim, procurando attrahir a minha attenção.

E" si me sinti commovida, Heitor, foi porque, de tua parte, isso não podia ser de certo uma acção insensata, um passageiro capitulo de romance, do que cessa a leitura ao fim da seguanda pagina. Não. Operou-se em mim a idéa amadurecida para a realisação da qual ser-te-ia preciso longos annos ainda.

"Tu és um bom operario, disse-me Rosen. Não se chega a sel-o em alguns dias e a fbricação de vidro é quasi uma arte. Eis porque estou certa de teu arrependimento e porque, encontrando-te assim, só te devo perdoar. Este perdão fizes-te jús a elle.

"Isto explicado, creio que tua vida vae tornar-se mais feliz, como espero. Tudo acabará com o esquecimento, crê bem, e nós somos, eu e tu, muito jovens ainda para não estarmos certos de encontrar a felicidade cada um para o seu lado.

Ella falava muito lentamente. Parecia dar conselhos, apoiando ás vezes as suas palavras com um movimento da mão, com um signal de cabeça e mesmo com um sorriso.

Foi com um gesto como este ultimo, que ella disse:

— Tudo terminará pelo esquecimento.

Em sua frente, com os olhos fechados, elle bebia-lhe as palavras, quasi sem reconhecer essa voz.

Nunca tinha ouvido essas entonações quasi seccas, ironicas. Era que só a razão falava, nada vinha do coração. Seria possivel? Seria verdade que elle não passasse de um estranho para sua mulher, um ser incommodo e mesmo perigoso?

Ficara silencioso. Um frio glacial descia-lhe da cabeça para todo o corpo.

Ella proseguiu:

— Não queria receber-te. Mas, dando com o jardineiro a insultar-te, a brutalisar te; vendo que nem te dignavas dar-lhe resposta, desci então.

— Pelo que vejo tu acompanhavas os meus movimentos e os meus passos?

— Sim, disse ella, um pouco sorprehendida, mas voltando á calma logo, porque era a ultima vez que eu te devia ver.

— Ah!

— Retoma agora o teu traje de nobre, Heitor. Isso será muito melhor. Adeus. Vim só para terminar com os desaforos desse homem que não sabe quem és. Uso ainda do teu nome e, por isso, senti-me tambem offendida com as brutalidades a que te vi exposto, embora não se haja revoltado com isso o teu orgulho.

— Já não tenho mais orgulho, Genoveva, por isso nada comprehendi do que esse homem me disse. Presentemente, só vejo um cousa, é que te amo até ao delirio, até á loucura...

— A bom tempo!

— Pobre de mim!

— Quanto a mim, Heitor, posso declarar que já não te amo, por isso acho que deves tomar o caminho que isso te impõe. Ha muito tempo que não te amo, pois sabes que estou compromettida com o senhor Turgis.

— E tu o amas deveras?

— Sim. Sentia que a minha affeição se ia encaminhando para elle á medida que fugia de ti. Dei-lhe minha palavra e prometti-lhe a minha vida.

— Ah! meu Deus! exclamou o conde, com grande exaltação, não podendo mais conter a sua emoção, estarei por ventura sendo o joguete da comedia que se representa a minha vista?

"Certamente, tenho faltas, graves faltas, e tu estás cruelmente vingada. Mas, no proprio momento em que te vingas, olha para o teu futuro e o vês risonho, radiante. Mas será verdade que nada tens a censurar-te aos meus olhos? Não é verdade que, durante os ultimos mezes de nossa vida de casados, em La Motte-Feuilly, o Sr. Turgis te fez a côrte, não te deixando nunca, sempre ao teu lado, cercando-te das maiores attenções?

"Quem me diz, quem me dirá que tu não lhe correspondeste a essas demonstrações de affecto? Tu amavas Turgis, podes confessal-o agora, antes mesmo de ser isso permittido pelas tuas condições de casada, não é verdade? Que é que tens com isso agora? Nada mais tens a receiar, e posso perfeitamente ouvir a tua confissão...

"Ah! como eu era illudido! Como tu me devias considerar tolo e ridiculo e como tiveste razão em triumphar!

— Si estivesses falando de bôa fé, insultar-me-ias com tuas palavras mas como sei que estás contrariado e com raiva, não me zango. Não pensas certamente no que estás dizendo.

— Penso e muito bem, murmurou elle, com olhares furiosos, mas os afastando do olhar contristado de Genoveva. Tu foste amante de Turgis e hoje nada mais fazes do que reparar esse passado odioso de vergonha e mentira. De outro modo, tu não o amarias presentemente.

— E por que? Não é elle digno de mim? Não estou certa de que elle me vota a maior estima? Não é elle leal, meigo, intelligente? Não offerece a uma mulher todas as garantias possiveis de felicidade?

— Não o poderias ter amado, depois do drama do teu passado, porque nessa occasião o teu coração abatido não tinha forças de conceber um segundo amor.

"Como é que com a triste experiencia do matrimonio, arriscaste assim a um segundo? Ao contrario, agora que todo o mundo te julga disposta a uma vida de solidão para occultar as agruras do passado, é que apparece Turgis com idéas de desposar-te.

"Por mais longe que estejas, elle surge ao teu lado de repente, sem se esperar, e apenas o vês, tu lhe cáes nos braços! Como é edificante tudo isso!

"Afinal, surge tambem o casamento já resolvido, graças ao divorcio e ao adulterio proclamado legitimo! Como te deves rir de mim e que habil e profunda comediante soubeste ser!

— Meu pobre amigo, disse ella, latornaste infeliz outr'ora, e si tivesse tornas-te infeliz outr'ora, e si tivesse conservado por ti um pouco de ternura, continuaria a ser certamente mais desgraçada hoje... Tu não mudaste ainda!

Nem a menor manifestação de colera, longe disso, mas uma infinita doçura nessas palavras.

O coração de Heitor fundiu-se logo em lagrimas.

Levou as mãos aos olhos e, por um esforço violento feito sobre si mesmo, impediu o jorro do pranto.

— Perdôa tudo o que te disse.

— O que disseste já foi esquecido. Não me podia inspirar rancor o teu pensamento, porque bem o sabia em completo desaccordo com tuas palavras. Si alguem viesse dizer em tua presença que eu havia amado Turgis, quando ainda te pertencia, que responderias? Fala!

Elle sacudiu a cabeça.

— Hontem teria dado cabo dessa pessoa. Hoje, porém...

— Hoje, o quê?

— Sei lá! Já não tenho mais fé... O que faria sis oubesse que tu me havias trahido e que tinhas sido amante de Turgis antes de ser sua mulher?... Si estivesse certo disso, queria deixar-te esse remorso, por minha causa, como ha um em minha vida por tua causa... Não procurarei tirar desforço algum de Turgis, não te dirigiria a menor censura por isso... Matar-me-ia simplesmente.

— Heitor!

— Juro-te pela minha honra!

Calaram-se.

Duas vezes seus olhos se encontraram. Elle implora, ella mantem-se firme. Nada trahia em Genoveva qualquer emoção que por ventura estivesse experimentando; e seu semblante estava tão calmo, que a ameaça de Montbriand não conseguiu attingir o coração da mulher. Talvez um pouco de piedade ahi exista ainda eis tudo.

Elle sentiu-se perturbado, torturado. Procura afastar-se e fica alli, ao lado della. Alimenta elle uma ultima esperança? Alguma pena ou algum doce olhar em que veja parte dessa alma fechada ao seu amor?... menos que um pezar, que um olhar, um suspiro? Mas nada vê!...

— Vou-me embora, disse elle, vou-me embora!...

Ella o deixou partir. Penetra no parque todo cheio da treva que o envolve. Genoveva já não vê o marido, embora tenha os olhos pregados sempre no ponto por onde elle se embrenhou na treva.

A noite continua pesada e negra, sem a menor viração, a mover a folhagem e num nevoeiro para os lados do Deule.

Elle desce, pela aléa, para a ponte, por baixo da qual deslisa a pequena ribeira por entre juncaes.

Não ousa subir para ella com medo de ser interrogada por Trinque. Prefere a solidão, porque nella ficará mais á vontade, pode abandonar-se ás suas meditações.

Pára de subito ao fim da alameda. Ahi, á borda da ribeira, um homem está estendido na terra lavrada.

Elle não a viu, porém ella o reconhece pelo seu traje. E' Rudeberg, é Heitor.

Um medo espantoso a invade. Está morto. Matou-se! Vae para elle, afim de prestar-lhe algum soccorro, quando esse corpo fez algum movimento, presa de convulsões. Não lhe pode descobrir a cabeça, occulta sob a terra, nem o rosto, ora invisivel.

— Estará doente, quem sabe?...

Caminha para elle, curva-se e escuta. As convulsões são mais violentas... Finalmente, deixa escapar um gemido e os soluços que lhe embargam a voz sobem-lhe aos labios, surdos, como os de uma creança. Todo o seu desespero desfaz-se numa crise de nervos que o prostra.

Genoveva sóbe a alameda, voltando o rosto a cada passo.

Entra em Clermaret.

Em cima, na janella, Trinque não se afasta do posto. Elle bem comprehendeu a filha, quando esta se dirigiu para o campo.

De longe ou de perto, nada lhe escapa do que se passa com Genoveva. E quando a ouviu abrir a porta do salão e retomar, ao lado de seu filho, o logar por ella occupado ha pouco, por seu turno elle proseguiu na leitura interrompida.

Ella está pallida, tem a testa cheia de rugas momentaneas e os cantos da bocca apagados ao peso de uma preoccupação que a obseda.

Magdalena levantou-se e foi ajoelharse aos pés de Genoveva. Tomou as mãos desta, que lhe foram abandonadas quasi inconscientemente pois o espirito da condessa erra por outras bandas, mais em baixo, pelas margens do rio Deule.

Magdalena beija os dedos de sua mãe adoptiva, um a um, com graça e carinho; adivinha-lhe o pensamento. Com os seus braços envolveu carinhosamente a cintura de Genoveva. Vae com a bocca até aos seus ouvidos e murmura brandamente:

— Já que tanto demonstras amal-o, porque não lhe dizes que volte?

Ella estremeceu, repellindo a filha com certo terror. Parecia sobrenatural essa idéa da criança. Seu coração parecia todo aberto aos olhos sem luz dessa infeliz, com todas as suas amarguras, suas feridas, a sangrar sempre e sempre inconsolado...

— Como? Que dizes tu?

— Nada, mãe, nada que te fosse offender, juro-te. Adivinho tão bem a tua vida! Não é por culpa minha... E' porque tu o amas! Perdôas-me, não é? Dize-me que não me queres mal por isso, anda!

Genoveva hesita um instante. Depois chama a si a criança, a comprime de encontro ao seio, cobrindo-a de beijos. E, rapidamente, põe as mãos nos olhos da mãe, dizendo:

— Não chores... esconde tuas lagrimas... vovô ralhará comtigo...

V

Era o dia seguinte da festa que Rosen havia annunciado a Turgis. O sol tambem fizera parte da festa, de modo que o calor era insupportavel, depois de uma noite nada fresca.

As flores pendiam nas hastes sem força, sem resistencia. As arvores pareciam mortas e os passaros mantinham-se occultos na folhagem. Somente os pintasilgos atravessam o ar, por cima do jardim, em busca de hortas onde podes sem encontrar alguma salada de sementes frescas.

O prado mal cuidado estendia-se silencioso. Alguns lavradores carregam fenos proximo á ponte, tão em silencio, nem uma simples canção, tão commum no campo, lenta e pesadamente, como que moidos pelo trabalho.

Continúa

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE JULHO DE 1915 NUM. 29

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores Turnauer & Machado.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

A MORTE dos poetas! Que desoladora tristeza a invadir os corações femininos a esse echo melancolico de sonhos que se desfazem, de phantasias que desapparecem, de cantos que morrem ao longe á sombra dos cyprestes funerarios e de ultimos sons de lyra que emmudece ao fechar das azas dessas encantadas aves do paraiso!

Nasceram para encantar como os genios festivos que a natureza escolheu afim de que, divinos Orpheus dessa nova cosmogonia da arte invocativa de sonhos febris e de dhulias lamentosas, andem pelo mundo arrostando após si, aos accordes divinatorios desse instrumento sublime, as proprias cousas inertes, animadas então á força desses hymnos immortaes.

Começam a existencia como os descreveu o tambem poeta do *Redivivo*, a lamentar a morte do cantor dos escravos:

«. . . . . e o sabiá cantava
A' margem da corrente!
Dizia a borboleta — eu dou-te os vôos;
As folhas verdes — aqui tens frescura;
A flor dos bosques — eis o meu perfume;
Eu sou teu echo — a sonorosa gruta;
Sou teu espelho — a limpida corrente;
Os anilados céos — guardo teu ninho!
O sol — vem procurar-me!
E a flor, e a borboleta, e a folha verde,
E a torrente, e o sol, e o céo, e a gruta
Eram d'ave inspirada a immensa orchestra
No concerto do amor!»

E a ave inspirada, antes de remontar aos céos, vive a encher da mais doce e suggestiva harmonia a alma dessas madonas de nossos sonhos, inspiradoras dos portentosos poemas immortalisadores dos vultos celestes e heroicos que, desde a poesia indiana da Mahabharata, com a formosa Damayanti á frente até ao romanticismo, victorioso em grande parte do seculo passado, hão atravessado ovante perante as gerações curvadas á grandeza dos seus soffrimentos e de seus delirios assoberbantes.

Esse cuja existencia se resumia no mais fervente culto á belleza da forma e á suggestão do metro, jungido á grandeza impeccavel da idéa, que, armado cavalheiro para as lutas desse formoso torneio das musas, tão cheio de vida se sentia, que a passagem do tempo não lhe parecia estorvo aos seus anhelos de conquista, até que um dia, a musa, nuncia talvez da sombria visão dos desalentos, não previstos sem duvida, mas apenas sonhados, faz soar-lhe aos ouvidos a nota lugubre dos ultimos carmes.

«Quer-se chorar, e tarda o pranto,
Nubla-se o olhar, queda-se immoto, o labio mudo,
Uma impressão de que começa o fim de tudo,
E, em ancia, espera-se com espanto.

E após essa ternissima e derradeira volata, quando mal se perdiam ainda os ultimos echos dos applausos á canção final do poeta, bala, traiçoeira e cruel, vem obstar para sempre, na mente incendida pela soberba inspiração que ainda lhe exalta a alma naquelle instante, o escachoar luminoso da caudal transbordante de poesia que, em espumas d'ouro, della dimanava.

Mal deixava de gorgear, á margem dessa corrente inspiradora da phantasia e do sonho, já o tiro certeiro desse caçador sinistro de aves do paraiso, o fazia fechar as azas num estertor final.

Trata-se, gentis leitoras, da infanda morte do poeta Annibal Theophilo, assassinado á traição, quando acabava, num sarau litterario, de proceder á leitura de sua ultima producção poetica.

«Ah! basta de soffrer! Tudo em redor sacia
Nagua que cae a sêde em que se debatia...
Que sêde, Amor, em tanta magua!
Tu que te prometteste a esta sêde infinita,
Vem lenil-a. Que importa o insulto e a humana grita,
Minha divina gotta dagua?»

Mal sabia o inditoso vate que aquella cessação de soffrimento, que elle pedia para seu amor, não se demoraria em descer da arma homicida e covarde para a sua tão invejavel existencia!

A morte dos poetas! Ah! como deve vibrar

dolorosamente em vossos corações amantissimos, presadas leitoras, o echo desta phrase sombria, nelles percutindo como uma angustia suprema!

Mas deixemos tranquillo o seu repouso sob a merencoria sombra dos chorões solitarios, emquanto a justiça dos homens procura vingar a sua morte, repetindo com aquelle primeiro, tão grande quão pranteado poeta, os dois ultimos versos de seu adeus a Castro Alves:

«Foste do sonho á morte... oh! dorme! dorme!
Talvez sonhes ainda! »

CANÇÕES CHILENAS

Cantares

Eu não te quero, porque
Tu não me queres. Aqui
Nada nos devemos, vê!
Mas dera esta alma por ti.

Si ao vacuo que existe além
Tem horror a creação,
Come é, pois, que o meu não tem
Horror ao teu coração?

Quando em vão, buscando calma,
Eu chego, logo te vaes;
Mas, tendo-te dentro d'alma,
Commigo sempre estarás.

Quando tu fores rogar
Pelos que mortos estão,
Não te esqueças de rezar
Por meu pobre coração.

Não finjas dar a entender
Que em mudez, tu não me entendes,
Sem te falar, bem comprehendes
O que te quero dizer.

Si um beijo te quero dar,
Na derradeira partida,
E' porque quero levar
Tudo que é bom desta vida.

Na tua ausencia, que horror!
Minha alma já não resiste.
Mas, ao ver-te, meu amor,
Eu fico muito mais triste!

R. B.

Senhorita Luizinha Valle

A ARTE DE SER ELEGANTE

Os toucados, os pequenos chapéos cobertos de flores ou apenas adornados de uma simples pluma ou de uma ligeira "aigrette", estão voltando para o esquecimento.

Os chapéos de largas abas estão reapparecendo, porém mais lindos do que outr'ora.

Os de hoje são os de palha, forrados de velludo na parte interior e levemente ornados de flores, poucas em regra; uma rosa, um ramo de violetas discretas, algumas folhas verdoengas e delicadas; ou de um tecido ligeiro com forro de sêda.

*
* *

Os chapéos pequenos estiveram em moda, em pleno dominio do seu maior explendor, durante quasi dois annos.

Existem de todos os feitios, desde os bellos toucados na simpleza das suas linhas e dos seus adornos, até aos deselegantes chapéos com abas lembrando um chapéo de soldado do Senegal.

O chapéo pequeno durou pouco pela sua elegancia suspeita. Era difficil encontrar-se um rosto em que assentasse.

O chapéo de aba larga tombado de um lado e erguido de outro, ao contrario dá aos rostos femininos uma graça fascinadora, envolvendo-os n'uma leve sombra que os torna ainda mais formosos.

O chapéo de aba larga renasce agora, porém aperfeiçoado, sem os espalhafatos de outros tempos. Não é mais o enorme taboleiro evocando ora um mostruario de hostaliças, ora um jardim suspenso capaz de rivalisar com os de Babylonia.

Os que agora estão começando a ser usados pelas nossas elegantes no "corso" e nos passeios aos sabbados na Avenida são muito sobrios e por isso mesmo de um raro requinte esthetico.

*
* *

E' difficil decretar um typo de chapéo para a moda geral. Se o chapéo grande fica bem n'uma senhora de rosto pequeno e alongado, não o ficará em outra de rosto redondo e grande. Assim, o mesmo acontece com os toucados e com os chapéos de palha pequenos.

O chapéo deve ser usado de accordo com a elegancia, embora a moda esteja na maioria das vezes em desaccordo com a belleza das linhas.

O typo ultimamente apparecido é o chapéo idéal para dar realce á belleza feminina. Não tem o estapafurdio aspecto dos taboleiros de outr'ora e nem é tão minusculo como os toucados de palha, seda ou velludo.

E nesse chapéo, que está triumphando, parece que a moda demorará mais tempo.

YVONNE

Do alto da montanha alpestre e descendo pelo seu dorso mumificado pelo granito, vem um filete d'agua tenue como uma lagrima sentida que a propria montanha vertesse por uma saudade — quem sabe? — que não nos é dado desvendar.

Sob o abrigo de arvores protectoras, elle atravessa bosques immensos, florestas extensas e, fertilizando o solo, vae se nutrindo de outras fontes.

Flores silvestres, mas vaidosas na pompa reginal de seu matiz e de seu perfume, miram-se, como o Narciso da fabula, no espelho placido de sua corrente.

A ninhada implume, que se exercita para os vôos arrojados em demanda do azul ou pelo menos em busca das grimpas dos altaneiros jequitibás, vem, confiante e descuidada, se desalterar na lympha crystalina, que é como o fio de prata embutido no leito esguio e sinuoso do regato.

Depois, a céo aberto, porém mais volumoso então, pelo tributo recebido de outras correntes, vae derribando tudo o que se oppõe á sua triumphadora passagem.

Tumultuoso, violento, irrefreavel e brutal, seu itinerario seguindo, vae buscando o mar para com elle se confundir num corpo só!

*
* *

Querida. Meu amor foi tambem como esse rio. Nasceu timido e fraco.

Mas a luz estimuladora do teu olhar deu-lhe a audacia dos heróes e a impetuosidade dos rios caudalosos.

E hoje, formando um só querer, unido ao teu affecto, zomba dos obstaculos e confunde num só os nossos corações.

Rosaes SADI.

INSTRUIR DELEITANDO

Quarto de hora de Rabelais

... "Passei o meu "quarto de hora de Rabelais". Felizmente a chegada de um amigo"...

Essa expressão significa um momento critico em que nos achamos, precisando pagar o que devemos e sem ter com que. Tambem, por uma latitude da idéa, significa todo e qualquer momento embaraçoso em que certas circumstancias nos colloquem.

O historico da expressão é o seguinte:

Voltava Rabelais de Roma e passando por Lyon ahi ficou detido em uma estalagem porque não teve dinheiro para pagar a despeza que fizera.

Entretanto, urgia chegar a Paris. Não podia perder tempo. Lançou mão de uma astucia.

Começou a fazer pacotinhos de papel, escrevendo por fóra: "veneno para o rei; veneno para a rainha; veneno para o delphino", e os collocava em logar visivel do seu quarto.

O estalajadeiro espantado com tal descoberta correu a dar parte a policia.

Rabelais foi preso e conduzido á Paris e immediatamente communicaram ao rei que na prisão havia um grande criminoso, que desejára tentar contra a vida da familia real.

O rei, Frncisco I, manda que levem esse homem a sua presença, e, ao vêr que esse homem era Rabelais desatou a rir.

Já vejo, disse elle aos soldados, que tendes muita solicitude pela nossa vida, mas eu não suspeito do meu bom Rabelais; mandou retirar os guardas e convidou Rabelais para ceiar, que comeu e bebeu a... franceza.

Praza aos céos que as minhas amiguinhas jámais se encontrem no "quarto de hora de Rabelais" ou quando tal se dê, que se saiam tão bem como se sahiu o festejado autor de "Gargantua" e "Pantagruel"

Teia de Penélope

Exprime esta phrase uma cousa que começa e não termina, uma "obra de Santa Engracia".

Mme. ROSA CANDIDA DOS SANTOS
Residente em Friburgo

Penélope era mulher de Ulysses; amavam-se muito. Rebentando a guerra dos gregos contra os troyanos, Ulysses foi obrigado a partir para o campo da lucta.

Terminada a campanha, Ulysses regressa á patria, mas o seu navio se perdeu e assim esteve dez annos.

Todos acreditavam que Ulysses tivesse morrido e os paes de Penélope queriam que ella escolhesse um marido dentre os muitos adoradores que pretendiam a sua mão. Mas Penélope declarou que só poderia fazer a escolha depois que terminasse uma teia, um trabalho de "crochet" que estava fazendo.

Esse trabalho não terminava nunca porque ella desmanchava de noite o que fazia de dia.

Esse recurso astucioso de Penélope foi bom para ella, porque um bello dia Ulysses appareceu.

Se a constancia não fosse um predicado das mulheres...

Mlle. MIMI.

O GENIO DA ESPOSA

Não ha cousa que assegure tanto a felicidade no lar como o bom genio da mulher.

Ouvi o que diz Abd-el-Kader:

"A mulher dotada de bom genio é uma corôa de ouro para o marido, e afugenta da casa os enredos e as inquietações."

Eu accrescentarei: a felicidade não se obtem senão á custa de esforços constantes e de sacrificios silenciosos. Este pensamento não deve abandonar-nos nem um minuto até no meio das efusões da lua de mel. Nesses momentos deliciosos, uma palavra infeliz ou desastrada pode compromettèr a paz de dois entes que se adoram. Não esqueçais que tudo é fragil neste mundo.

Aprendei, pois, a reprimir os impulsos espontaneos da vossa natureza, se ella fôr arrebatada ou simplesmente de uma excessiva vivacidade. Não faleis sem reflectir: "A palavra que ainda não pronunciastes é vossa escrava; a que acabais de dizer torna-se logo vossa senhora."

Tendo o maximo cuidado em não dardes nunca a vossos maridos respostas bruscas ou acirradas, nem mesmo nos momentos mais tristes ou quando elles não tenham nenhuma razão. Se não lhe disseres senão palavras carinhosas a sua colera embotar-se-á de encontro á vossa benignidade. A meiguice, como vêdes, é uma qualidade do mais alto valor e a calma ha de forjar-vos um arnez impenetravel.

Se não nascestes meigas, esforçai-vos por virdes a ser, abafando em vós, em todas as occasiões mais ou menos importantes, as tendencias para a colera e para o arrebatamento. A brandura não é um signal de fraqueza nem exclue a firmeza de animo. Quando seja absolutamente necessario resistir, se vos conservardes placidas e affectuosas, triumphareis em nome da razão, até nas discussões que vossos maridos sustentem com violencia.

Senhoritas Milita e Sinhá Gomes, residentes em Juquery

As sympaticas Senhoritas: Corina, Aline e Sebastiana Gomes, filhas do proprietario do Hotel da Estação, em Leopoldina

Mas para continuardes a vencer para as outras vezes, necessario é ainda que tenhaes muita generosidade e finura, afim de nunca vos prevalecerdes da victoria.

"Vês como eu tinha razão?" ou "como tu a não tinhas?", — são phrases que jámais deveis pronunciar.

Pois não é modestia que vos fica bem o não obrigardes o "chefe" de familia a concordar em que mostrastes mais bom senso do que elle?

Contentai-vos, pois, em saborear na intimidade da vossa alma a alegria de o terdes levado a seguir a vossa idéa justa, e seja ainda por amor delle que vós rejubileis com o resultado obtido.

Da mesma maneira vos recommendarei que contenhaes a vossa sensibilidade e que domais as vossas susceptibilidades, mesmo "legitimas". O melhor dos homens e o mais bem educado póde melindrar, desgostar ou ferir sua mulher. Mesmo sem querer, carecerá ás vezes de tacto e delicadeza. Mas, as suas intenções, a maior parte das vezes, não serão absolutamente más. Esforçae-vos, em todos os casos, por evitar as scenas de lagrimas e de soluços. Se vos fôr preciso replicar empregae nas vossas contestações toda a possivel moderação, e creio dever dizer-vos igualmente que não vos deixeis arrastar a excessos de melindre.

Sem nada abdicardes de vossa dignidade, podeis conservar-vos boas. Nunca mergulheis num silencio amuado. Dadas as explicações necessarias, afastae-vos um pouco, isto é, retirae-vos do aposento em que estiverdes para vos entregardes aos vossos deveres de dona de casa. Voltae, depois, com voz segura e olhos enxutos, e passae a occupar-vos de outras cousas.

Se souberdes esquecer e sacrificar o vosso "eu", se não possuirdes um orgulho louco, desmedido e mal empregado, facil vos será esta prova de bom juizo.

Não ha bom genio sem um bom humor inalteravel. Já vos disse quanto se lucra em encararmos as cousas pelo seu lado bom e como se evitam ainda muitos pretextos de discordia. A uniformidade de genio da mulher é um bem precioso para o marido, e até ella, se fôr caprichosa e excentrica, não póde ser feliz.

Baroneza STAFFE.

O CIUME

O ciume "é a dor que sentimos quando não somos igualmente amados pela pessoa a quem consagramos um sincero e profundo amor".

Esta definição tem certo grão de exactidão, mas o ciume que nasce do amor não é a unica pena deste genero que atormenta a humanidade.

Ha uma paixão que só differe de inveja em proceder quasi sempre do sentimento de que outros possuam cousas que, até ás vezes, não desejamos para nós.

O ciume que não provém de amor é um sentimento mixto de inveja e ambição. A's pessoas atacadas deste mal terrivel inquieta-os qualquer preferencia que se dê a outrem, desejando ardentemente a posse desse bem. O amante cioso suspira por ser objecto unico das affeições de sua amada; porém o homem invejoso nada menos ambiciona que o goso de todos os bens do mundo. O amante zeloso queria que a sua amada tivesse só para elle o riso nos labios; mas o invejoso rala-se e soffre crueis agonias quando vê que a fortuna sorri para alguem, e lhe estende o braço protector.

A mesquinha inveja expõe o infeliz que por ella se deixa dominar, a soffrimentos atrozes e agonias lentas. E o invejoso teria taes soffrimentos se, mediante séria reflexão, entrasse no conhecimento dos seus deveres para com Deus e o proximo? Esta paixão é o verdadeiro frenesi que condemna a sua victima a continuar a impotente agitação, fazendo que tenha rancor aos seus semelhantes e despreze tatentos, e sabedoria, que, a não serem combatidos pela inveja, brilhariam no mundo utilmente.

O emblema do ciume é a figura de uma mulher com apparencia de inquietação e ar de quem escuta. As suas roupas são da côr das ondas do mar; tem na mão direita um ramo de espinhos e na esquerda um gallo.

Mantem-se em attitude de desassocego e curiosidade e a cor dos seus vestidos indica a perturbação da sua alma. O ramo de espinhos denota que os tormentos do ciume são acerbos e agudos e o gallo é o symbolo da suspeita e vigilancia.

A mulher voluvel é semelhante a esses vinhos de que todos gostam de provar, mas de que ninguem quer fazer uso.

Instantaneo na Avenida

EM PASSEIO NO JARDIM ZOOLOGICO

D.ª Ismenia Campos Vianna e suas filhas Maria Leopoldina e Izabel e seu genro Dr. Joaquim Hirdes, residentes em Icarahy

A bellesa feminil

A mulher tem na vida duas épocas de belleza bem notaveis. Graciosa e joven senhorita, ella dispõe de todos os atractivos encantadores da flor em botão. E' essa a primeira floração de sua belleza, que vae dos quatorze ou quinze annos aos vinte e cinco approximadamente.

Nesta idade, ella, como a propria flor, vae entreabrindo as petalas da formosura e apresentando seu maior esplendor; suas fórmas adquirem o desenvolvimento; o tecido cellular vae arredondando pouco a pouco todos os membros até ás espaduas esculpturaes.

O que havia de fragil na constituição fadesca transformou-se numa belleza mais pura, nas fórmas, mais correctas para o olhar.

Na joven donzella, o que encanta são sobretudo as cores e os reflexos interiores que vêm dar vida e colloração á cutis; é o perfume mysterioso que lhe dá a timidez dessa idade angelical.

Na mulher, é pureza da fórma no conjuncto, submettida ás leis irreprehensiveis da delicadeza das linhas em geral, caracteristico principal da belleza.

A belleza, na casta e joven donzella, parece-se com alguma cousa interior, que se occulta e se furta ao olhar. Na mulher, já feita, essa belleza é expansiva, como que magnetica.

A mulher conserva, ás vezes, essa segunda belleza por muito tempo, podendo conservar-se assim até aos cincoenta annos, e, em alguns casos, felizes excepções, têm conseguido ultrapassar esses limites.

Ha mulheres cuja formosura acaba muito cedo, são aquellas cujo tecido cellular é abundante, as chamadas molles e lymphaticas.

As louras são, nestes casos, menos felizes que as o u t r a s, sobretudo aquellas cujos cabellos são de um louco cinzento.

Essa situação mais se accentua quando occorrem desgostos prolongados e, finalmente, a miseria, inimiga nata da belleza feminina.

SYLVIO.

Elle— Queira perdoar, minha senhora.

Ella— O que?

Elle— E' que eu, inadvertidamente, acabo de espetar um dos meus olhos no prego do seu chapéo.

Os maridos ciumentos. são como as rolhas: denunciam os bons vinhos

A ALCOVA COR DE ROSA

(CHARLES FOLLEY)

I

Os paes Andru viviam tristemente na velha casa do fim da aldeia. Não contavam nunca a sua historia, era a mesma historia de muitos outros.

A visinhança lhes havia conhecido uma filha, a pequena Andrette, uma bonita rapariga, amimada e tratada a contento de ambos.

Mlle. Ruth Corimbaba, irmã da nossa collaboradora Amazile Corimbaba

Depois de sua primeira communhão, os Andru pensaram em educal-a. A' força de trabalhos e de privações, conseguiram pagar a pensão do collegio para a filha até aos dezesete annos.

Quando chegou esta idade, o pae foi buscal-a á cidade, emquanto que a mãe dava a ultima de mão ao arranjo da alcova de sua senhorita, uma pequena alcova no segundo andar, em frente á dos velhos, toda forrada com papel floristado, com cortinas de batista côr de rosa no leito, um espelho onde se podia mirar até á cintura e um tapete novo.

Ah! que orgulho o do pae Andru, quando atravessou toda a aldeia, em seu carro, ao trote do gerico, com a senhorita sentada ao lado! E tambem o da mãe Andru, ao abrir a porta e ao mostrar á sua Andrette a alcova côr de rosa!

Os dois pobres velhos ficaram admirados ao verem a tristeza e a frieza da filha em sua nova casa, mas atribuiram essa melancolia á mudança de vida.

A' noite, a velha Andru quiz despir por si mesma a sua senhorita e para fazer esperar com paciencia o marido, prometteu-lhe que elle iria arranjar a roupa da cama de Andrette.

Uma vez feito esse arranjo, o bom homem sentou-se em uma cadeira ao lado do leito e, como o fazia, quando ella era pequena, poz-se acantar "Henriqueta e Damião", velha cantiga com que costumava adormecer a filha. Mas, ao movimento, bem suave por certo, que imprimia ao leito para fazel-a dormir, Andrette deu uma volta e disse de mau humor:

— Pae, continua a cantar, si isso te agrada, mas não me mexas com a cama, "isso me faz mal ao coração"!

E o velho cantou satisfeito, com a mesma expressão de outr'ora, até que a filha adormeceu, mas de certo desgostoso em parte por não poder tocar na cama, como costumava, não sabendo desse modo o que fazer das mãos.

II

Foram seis mezes de contentamento para os Andru e seis mezes de febre, de tédio, de aborrecimento para Andrette.

O pae trabalhava todo o dia na vinha, emquanto a mãe era retida em casa pelos muitos affazeres: o fabrico da manteiga, a tiragem do leite, a cosinha e os arranjos de casa.

Andrette aproveitava todo esse tempo, apanhava linha e agulha e seguia para a unica praça da aldeia onde ia fazer crochet, sentada num banco, á sombra das tilias, em frente a uma unica casa que ahi existia.

Nessa posição, via passar o carteiro, os gendarmes, os vendedores ambulantes e outros transeuntes.

Como era muito bem feita e bonita, todos a fixavam, chegando alguns a cumprimental-a.

Alguns caixeiros viajantes, que commumente paravam na casa em frente, que era uma hospedaria, travavam conversação com Andrette, conversação que a fazia ás vezes ficar corada e palpitar de alegria.

Um desses caixeiros, de cor morena, mostrava-se muito inclinado pela rapariga. Provavelmente não fazia que os negocios de seu patrão se andiantassem tanto como os de seu coração, mas, em compensação, o crochet de Andrette é que não ia para diante.

As suas idas para o banco da praça cada vez mais se amiudavam mais, e uma tarde, depois de pagar as despezas da hospedaria, communicou o moreno a Andrette que se retirava para não mais voltar, pois havia mudado de vida. E sentou-se ao lado della, muito juntinho, falando-lhe com voz carinhosa, tão carinhosa mesmo que o crochet da rapariga se embaraçou todo.

Ao cahir da noite, ella chegou á casa e, atravessando a sala de jantar, disse á velha com voz estranha:

— Vae comer sosinha, que estou com dor de cabeça e vou deitar-me. Previne a papae que não vá ao meu quarto, afim de que me deixem descançar tranquillamente até amanhã.

E fechou a porta da sala.

Cheia de inquietação, a velha Andru tinha vontade de ir ver a filha, mas não se atrevia, por saber que ella se enfadava quando estava doente.

Logo que chegou o marido, puzeram-se a comer, triste e silenciosamente. De repente, range um dos degráos da escada. Elles prestam attenção, mas o rumor não se repetiu.

Deixando a mesa, a mãe de Andrette fechou a casa, como de costume, e subiu para deitar-se, quando deu com o marido, que havia subido antes, no alto da escada, com o ouvido pregado á fechadura da alcova côr de rosa. Zangou-se com o marido.

— A pequena quer estar só e socegada!

E, sem mais cerimonia, o impelliu para o quarto do casal.

O velho não dormiu. A' meia-noite, não poude mais. Levantou-se, vestiu-se rapidamente e, em pontas de pé, atravessou o espaço comprehendido pelo alto da escada, e abriu a porta da alcova da filha.

A luz da lua innundou todo o aposento. Sentou-se com receio junto á cama, cujo cortinado estava cuidadosamente corrido. De subito, lhe pareceu ouvir um gemido surdo como o de uma criança enferma e, machinalmente, julgando acalmar Andrette, como quando esta era pequenina, poz-se a cantarolar a sua ballada "Henriqueta e Damião".

Senhorita LUIZA DE SOUZA

Andrette não se incommodou com o canto, e o velho deixou de ouvir o gemido que ouvira antes.

Orgulhoso por esse resultado, mostou-se ousado e, supponda que o movimento da cama mais acalmasse a filha, estendeu um braço, depois o outro, começando a mover a cama o mais suavemente possivel, sorprehendendo-se, porém, por sentil-a tão leve.

Atreveu-se a passar os dedos pela almofada, por sobre a roupa. Estava lisa e fria, sem o menor signal de corpo.

Um calefria passou-lhe pela espinha, mas, apezar disso, continuou a cantar, movendo a cama com uma das mãos para não despertar a filha, caso estivesse deitada no centro della.

Correndo uma parte do cortinado com a outra mão, examinou a cama anciosamente. Perdeu a voz, o canto não lhe passou da garganta, pois a lua, ao deixar cahir a sua luz sobre o leito, apresentou-o inteiramente vasio.

III

No dia seguinte, no mercado, as comadres contavam entre si que haviam visto Andrette sentada numa carruagem de aluguel ao lado do caixeiro viajante, por entre malas escuras com cravos de cobre.

Os dois velhos andavam cabisbaixos. A' hora da refeição, Andru exclamou, com uma expressão de colera e vergonha:

— Já não temos filha! Si algum dia voltar, não a reconhecerei como tal, não encontrará mais lar e a atirarei ao rio como uma ladra... ladra de nossa honra!

— Isto nos faz muito mal, não tratemos mais della!

E não falaram mais. Correram as persianas da alcova côr de rosa e toda a noite passavam por ella, apressadamente, sem lançar-lhe as vistas, como si fosse uma camara mortuaria.

IV

Passaram-se os annos.

Uma tarde, ao voltar da vinha, com um cajado ás costas,

o pae Andru, numa volta do caminho, sentiu uma pancada no coração: os postigos da alcova côr de rosa estavam abertos.

Apressou o passo e, ao transpor a soleira da porta, encontrou a mulher com os olhos arroxeados pelas lagrimas, fazendo contraste com a pallidez das faces, que alli estava para deter os passos a quem quizesse entrar, como leôa que faz guarda ao seu fojo em defesa de seus filhos.

O velho comprehendeu tudo, com o rosto cheio de pó e tostado pelo sol, perguntando:

— Ella está ahi, não é?

— Está em casa, sim, respondeu a velha, em tom de supplica, de mãos postas, num gesto tragico. Voltou tão fraca, tão cansada e tão humilhada, coitadinha, que a ti mesmo te fará partir o coração! Não poude dar-me uma palavra: a fome, o cansaço e a sêde cortaram-lhe a respiração. Cahiu de joelhos por terra; ia eu levantal-a, quando me lembrei que tu eras o chefe.

"Não lhe quiz fazer nada, nada dizer-lhe sem teu consentimento. Até lhe voltei o rosto para occultar-lhe as lagrimas, e creio que durante esse tempo, ella subiu, com certeza, para a sua alcova côr de rosa, para nella occultar-se como num refugio. Penso que a não farás sahir de lá! E na verdade, eu sosinha não teria coragem de fazel-o.

— Tu és mãe, disse o velho com voz energica, tens o direito de ser bôa... o meu, o de pae, é de ser justo. Vou até lá em cima.

Tomou o cajado com um movimento ameaçador. A mulher ergueu de novo as mãos postas para elle.

— Andru!

Voltando-se, elle perguntou-lhe com cara amarrada:

— Que queres dizer-me?

E conhecendo que a raiva de seu marido era justa, baixou a cabeça, deixou pender as mãos, sem separal-as, dizendo submissamente:

— Não tenho nada que te dizer. Sobe!

E ficou de joelhos, tartamudeando orações, emquanto ouvia ranger os degráos da escada ao peso dos passos de Andru.

A' medida que subia, parecia-lhe, não obstante isso, que mais tinha para subir. Quando chegou ao alto, já não sentiu nada. Em cima, na alcova cor de rosa, reinava um silencio tragico. Então, a mãe Andru levantou-se, cheia de angustia e subiu tambem.

Encontrou o marido sentado junto á cama. Havia estendido o braço por entre o cortinado de batista e collocado a mão no varão da cama, movendo-a suavemente.

Quando viu a mulher, assustou-se, deixou de cantarolar, dizendo-lhe, com a cabeça baixa, envergonhado de sua fraqueza:

— Ora, minha pobre velha, que queres tu? Eu, o homem, sou mais fraco do que tu, que és mulher. Eis-me aqui, pois, humilde como dantes.

"Quando dei com a porta aberta, o papel floristado, o espelho, o tapete, o cortinado de batista côr de rosa, tudo isso me fez subir não sei o quê ao coração, sem duvida todo o nosso passado, calmo, humilde, mas feliz.

"Com isso, lá se foi a raiva e abandonei o cajado atraz da porta. A cadeira estava aqui e, segundo o antigo habito, sentei-me nella. Sem saber como, a velha ballada "Henriqueta e Damião", que eu julguei esquecida, veio aos meus labios.

"Nem pensei em fazer nada com as mãos, a cama é que veio a ellas para ser movida. Então... então dei-lhe movimento...

E suspirou ao peso duma rude emoção. Depois, desculpou-se com a mulher ainda uma vez, com voz mais baixa e mais terna:

— Si tivesse visto Andrette de pé diante de mim, talvez lhe tivesse dado o castigo merecido, mas assim deitada, pareceu-me tão pequenita como em outros tempos; dahi o faltar-me a coragem para ralhar com ella.

"Depois, sem atraver-se a encarar-me, disse-me ella com sua carinhosa voz do tempo da infancia: — O', papae, canta e move a cama como sempre tu fizeste! "Isto me faz tanto bem ao coração"!

"A estas palavras, não tive forças para ser severo... Agora minha velha, calemo-nos, porque me parece que Andrette dorme.

SYLVIO.

O distincto cavalheiro, Sr. Jacomo Rosario Staffa, proprietario do popular cinema "Parisiense", sua virtuosa esposa Sra Juanita Staffa, e seus galantes filhos: Mathilde, Cecilia, Rosina, Rodolpho, Jayme e André, no jardim da sua residencia na Tijuca.

Senhorita Abigail Guimarães, filha do Capitão-tenente Americo Guimarães

NOITE

Noite! quanta tristeza esse teu nome encerra.

Quanta magua fazes recrudecer nos corações que padecem, quando te approximas envolvendo a terra em teu escuro manto.

E' nessa hora que se entregam ao consolador prazer de orar, todos os crentes que no intimo do peito abrigam a mesma crença.

A creança, com os olhos fitos na meiga lua, repete igualmente a oração que os labios maternos lhe ensinam.

Ella supplica ao bom Deus, que mande um allivio para cada soffrimento e um raio de luz para cada treva.

A joven ajoelhada ante a imagem de Christo crucificado, ora pelo bem amado que partiu e que talvez nos embates procellosos da vida navegue em uma noite sem lua, lutando com o turbilhão das angustias da existencia.

O velho deixando deslisar o pranto amargo pelas rugosas faces e volvendo o seu olhar ao céo, ergue ardente prece sobre o tumulo do seu passado.

E' nessa hora, que a infancia, a juventude e a velhice, reunidas pelo mesmo pensamnto e pela mesma crença, deixam suas almas evolarem-se nas aligeras azas da oração, em procura do fanal que lhes illumina a vida, em busca do abrigo que lhes recolha a alma, em busca desse sentimento que lhes dá a crença, a paz benigna e santa : que se chama — FE'!

Quem não sente no intimo d'alma uma tristeza immensa ao ver o sol enviar-nos o seu ultimo adeus?

E quando o sol desapparece, a meiga lua, a rainha da noite, vem espalhando em torno uma doce melancolia, que se transforma aos poucos em profunda tristeza.

E é nessa noite querula e suave em que todas as almas se entregam ao doce prazer de orar, que eu, silencioso, com a alma cheia de sentimentos, quédo em horas inteiras a contemplar o céo illuminado por um luar caricioso e o meu pensamento medita tristemente.

E' esse luar suavissimo que enche de alegria o coração dos crentes, faz com que os meus devaneios sejam ao mesmo tempo consoladores e afflictivos.

Assim fico, até que cançado de meditar, porque a meditação fatiga, deixo-me levar nas doces azas do somno, e a alma soffredora e triste repousa por instantes.

E' a noite a hora idéal para os felizes, para os que se sentem em um mundo cheio de fagueiras illusões; mas para os que soffrem, para os que têm a alma alanceada pela saudade, a noite é um martyrio!

Odeio a noite porque é inexoravel para os que soffrem, dilacerando-lhes o coração com o seu silencio triste e desconsolador.

Por isso suspiro pela chegada do astro rei que ao rasgar as roseas cortinas da autora, espalha a alegria e dissipa os pesares.

Sorriem as criancinhas, exultam os corações juvenis e os velhos olvidam as agruras do passado!

Noite! Cruel como tu, só conheço a saudade!

Humaytá.

A's vezes damos a mão, quando já não podemos dar o coração.

◇◇◇◆◆◆◇◇◇

Mlle. V.... que casará brevemente, recebeu o retrato do seu querido noivo.

— Mamãe, quero collocar este retrato num logar onde o possa ver sempre.

—Então pendura-o no espelho.

Mme. Maria da Conceição Gomes, cujo anniversario passa no dia 17

SONETOS

14 DE JULHO

Não creio que esta data apenas seja grande
Pela recordação da queda da Bastilha,
Pois, maior do que esta voz dos povos, se me expande
Inteira a convulsão dum sentimento, filha.

Como o Sol vae fundindo a gotta loura que ande
A gozar na corolla immensa que rebrilha,
A data em que nasceste é para mim tão grande
Que na minh'alma accende o amor e a maravilha

E não posso entender porque julgas funesta
A data em que nasceste! O teu riso inda em flor
Incendeia em meu sêr — uma soberba festa!

E' mais nobre e mais leal do que esta voz d'um povo
Em ti a grande luz — em mim um grande amor
Como um sonho divino e inteiramente novo!

Violeta—Odette.

O TRIGO

Estende-se o trigal no monte de uma aldeia.
Em cada pé se ostenta o floco de aurea pluma;
Ao favonio que sopra, ora se verga e apruma,
Agita-se, fluctua, oscilla, bamboleia.

Mas ao rigido vento em vagas se avoluma;
Quando esta vae crescendo, a outra, enfunada, cheia
Quebra o aurifero dorso e se desencadeia,
Aos ares sacudindo uma dourada espuma.

Vae rolando, rolando e todo monte invade;
Tomba na verde praia: — o mattagal da herdade,
Como a onda que na areia estende o alvo lençol.

O pobre olha e sorri, vendo-lhe os aureos brilhos,
E elle, que ha de matar a fome de seus filhos,
Ondeia como o oceano e louro como o Sol.

Amaral Ornellas.

PRIMEIRO AMOR

Esquecel-o, nunca!...

Amor, primeiro amor, que o coração
De um assalto domina fortemente,
Amor que é sacrificio, que é paixão.
Quem esquece e o recorda indifferente?

Amor que é crença, que é conforto e vida,
Amor capaz de tudo, até de crime,
Amor que puro amor, revela, exprime
Que é meiguice, bondade, que é guarida.

Amor que é chamma, crepitante, accesa
Que não se extingue e nunca se consome,
Amor que é luz, que é esperança, anhelo;

Amor que é confiança, que é certesa,
Amor que de amor merece o nome,
Amor tão grande assim, como esquecel-o!...

Rio, 17—6—915.

Rinaldo.

SOMBRA

A' Vieira da Cunha

Aquella cabelleira azeviche, a ondular
Em contorsões de incendio, entre lençóes nevados,
— Tréva cabellos feita e cabellos num mar
De tréva rija e muda e opáca transmutados —

Anegriscou-me alfim a brancura sem par
Do amor que lhe votei nos dias meus passados...
Fizeram-se-me então noites ermas de luar
Seus lindos olhos vís... Canta-me a alma a Finados

Morreu-me essa Visão nos longes da Saudade...
Leve cinza lhe vejo agora, ao vento esparsa,
Aquella cabelleirra exúl dos meus sentidos.

Nem beijal-a siquer! Por toda a Eternidade
Hei de vel-a, do amor em meio á dura farça,
Perpassar qual Visão de vagos sons perdidos...

Sylvio Julio.

SAUDADE

Deserta está a rua. Ando buscando
De canto em canto a tua imagem linda,
Por toda a parte uma tristeza infinda,
Sómente a solidão me acompanhando.

Passam-se as horas; para o céo levando
Os olhos cheios de amargura infinda,
Em vão procuro o teu olhar ainda
E a dor de não te ver, me vae matando...

Esperar?... Para que? Si a dor intensa
Dos desenganos toda crença tira
Deixando n'alma uma tortura immensa!...

Adeus, oh! sonhos meus de mocidade...
Minh'alma afflicta só por ti suspira,
Meu Deus! como é tão grande esta saudade!

Rio, 8 de Junho de 1915.

Amelia Napoli.

SUPPLICA

A' Lucilla Loureiro

Vem, di tcsa iusão, pisa de leve
Entra, de manso, rosiclér de aurora,
Assim.,. Que a luz de meu olhar te enleve,
E eu goze a luz que em teu olhar demóra

Ligeiro, sonho azul, que o tempo é breve
Para este grande amor que me devóra,
Entra, rosa de luz, dissipa a neve
Deste meu coração de que és senhóra.

Tu, que lembras um céo irradiando,
Certo ouvirás as supplicas e as phrases,
Que te digo aos ouvidos soluçando.

Vem que, debalde o meu desejo aperto...
Povôa est'alma transluminoso... oasis!
Brilha na solidão deste deserto.

Rio—1°—7—915.

Nicomédes.

VERSOS

A' gentil senhorita Elisa Feliciano

I

Eu gosto de ver
Uns olhos gentis:
Mas quando os teus vejo,
Seu dôce lampejo,
Me faz tão feliz!...
Meu Deus, como uns olhos,
Uns olhos sómente,
Tal fogo derramam
No peito, na mente!

II

Eu gosto de ver
Um meigo sorriso:
Mas se em ti floresce,
Então me parece
Ver o paraizo.
Ah! como é possivel
Qu'm riso entre tantos,
Aos olhos debuxe
Um Eden de encantos?

III

Eu gosto de ver
Feiticeiro andar:
Mas se o teu contemplo,
Cuido ver n'um templo,
Um anjo a voar.
Quem verá jamais
Prodigios assim,
Andar uma Virgem
Como um seraphim?

IV

Eu gosto de ouvir
Uma voz macia:
Mais se és tú que falas,
No ouvido me inhalas
Celeste harmonia.
E' isso magia,
Ou do céo favor,
Falando, cantares
Um hymno d'amor?

V

Eia, Fada, ou Anjo!
Verdade, ou Chimera!
Anda, fala, ri,
Que o mundo sem ti
Graça não tivera,
Mas guarda, acautela
Teus dons, teus primores;
Que as Brizas das selvas
Arrancam taes flores.

Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1915.

Italo Machado

◎ ◎ ◎

INSTANTANEO NA AVENIDA

Mme. Carreira de Souza Pinto, esposa do Sr. J. Thomaz Souza Pinto.

INSTANTANEO NA AVENIDA

INFLUENCIA DAS MULHERES

Foi por causa de uma mulher de Thebas que por dez annos houve guerra entre thebanos e phocidios.

Por outra mulher exterminaram-se messenios e lacedomonios.

Hellena foi a causa da guerra entre gregos e troyanos.

David, por seus amores com Bercebe, chorou dia e noite, viu retalhado o seu imperio e succumbiu ás iras de seu filho Salomão.

Holophernes foi degolado por Judith, e desse modo foi vencedor o chamado Povo de Deus.

Por causa de Lucrecia acabaram os reis em Roma.

Foi por causa de Virginia com o dominio dos decemviros que Veturia conseguiu salvar Roma, impedindo o filho Coriolano de entrar na cidade eterna com as suas hostes de Volscos.

Ciumes de mulher dão fim ao imperio dos godos.

Annibal, o invencivel, foi subjugado pelas mulheres.

Hercules, vencedor de hydras e leões, ficou captivo aos pés de Omphale, rainha da Lydia, e morreu devido aos ciumes de Dejanyra, sua amante.

Dalila deu cabo de Sansão.

Foi por artes de Herodias que S. João Baptista foi degolado.

Marco Antonio, antes de ser vendido por Octavio, já o havia sido por Cleopatra.

Xantipa, a mulher de Socrates, foi causa dos desgostos e quiçá da morte do philosopho.

Maria Antonietta foi causa da revolução franceza, que tantos milhões de mortos causaram a humanidade.

O massacre de Saint Barthelemy, em Paris, tem por protagonista Catharina de Medicis, mãe de Carlos IX.

Os crimes da Laudicéa, fazem-n'a assassina de Antiocho, rei de Syria.

O mesmo faz Fredegonda, da Tetrarchia Franceza, no rei Childonico.

Semiramis foi quem ordenou a morte do rei Nino.

A lista iria muito longe . . .

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Clarita Neves — (Bello Horizonte) — Recebemos e serão publicados no primeiro numero.

J. Maximo. — A sua *roxura* será publicada na primeira opportunidade.

Wanderley dos Reis — Porque nas suas *scismas* não reflete no que ha de proveitoso na leitura de bons mestres da nossa litteratura? Geito e inspiração não lhe faltam.

Annibal C. Mattos — O estylo simples do soneto agrada mas é preciso fazer alguns pequenos retoques e substituir aquelle «perguntal-o...»

Duque — Com mais um *quid* de aproveitamento no estudo dos bons autores e mais cuidado com o idioma, o camarada dará que falar e alcançará um logar de destaque rapidamente.

Agraria — O soneto *Ingratidão* tem alguns versos mal metrificados.

Antonio Benevenuto Bayão — Com muito prazer.

Alves Accioly, Pedro Borges da Fonseca, Dephrim, Josias Laresco, Lilio — Os seus trabalhos ficam aguardando a vez.

Osmany, Alfredo Ruiz, Sylviuspinto, Borges, D. M. G. e *Telmo* — Os seus trabalhos não podem ser publicados.

Informações e conselhos

Julinha — Realmente parece que ninguem está satisfeito com a sua sorte: os gordos querem emmagrecer e os magros desejam engordar.

Não é facil obter uma e outra cousa por meios artificiaes, entretanto, attendendo a sua consulta podemos aconselhar:

Abstenção de toda alimentação gordurosa, feculenta e assucarada. Supprimir quanto possivel o pão. Preferir os alimentos estimulantes, como as lentilhas, o espinafre, o amendoim, as alfaces, os fructos de salada, vinho branco ou vermelho e as bebidas quentes a todas as outras bebidas.

Beba chá e, na sua falta o café.

Todas as manhãs, em jejum, é bom injerir um copo de agua morna, simples, e exgottae um segundo, á noite, antes deitar-vos. Fazei em todo o corpo uma fricção de agua salgada, e sobre as partes onde quereis, particularmente, combater a gordura, fricção de agua iodada. Dormir pouco. Sete horas de somno, no maximo. Caminhae, duas horas. Apertae á vontade o espartilho.

E' inutil, accrescentar que o seu medico é o mais competente para lhe indicar um bom regimen a seguir para emmagrecer.

Soirée dansante offerecida ao *Jornal das Moças*, por um grupo de senhoritas residentes em S. Christovão, vendo-se ao centro, sentado, o nosso director

A NOVIÇA

(Historia antiga)

Era bella, bella como a madona dos altares, bella como esses seraphins que adejam em torno da ambula santa nos quadros dos grandes mestres.

Caminhava a passos lentos pela nave do santuario e pelas faces pallidas duas lagrimas lhe cahiam silenciosas e tristes.

Brancas como a neve eram as vestes que lhe cobriam as formas delicadas; e a não ser a tristeza que lhe embaciava os olhos, dissereis a virgem immaculada dos sonhos de poeta que se dirigia ao altar com a grinalda de noiva.

E os cabellos tão negros, tão de ebano, lhe cahiam em madeixas bastas sobre as vestes de rendas com cuja alvura contrastavam; mas no vacillar dos passos, na mudez triste dos labios, no pender da fronte, no cahir das lagrimas, na pallidez do rosto, — advinhava-se a victima levada ao sacrificio, lançando no extremo olhar o derradeiro adeus ao mundo.

E os sinos da igreja tangiam vozes de festa e o templo se havia adereçado das mais ricas e pomposas galas.

Os assistentes, que enchiam a vasta nave do santuario, trajavam roupas festivas, como os convivas de um baile, mas no semblante se lhes notava o pezar e a compaixão.

E ao approximar-se do altar, onde já revestido achava-se o pontifice em toda a pompa magestatica da religião, a virgem ajoelhou-se.

Oh! não; aquelle corpo alquebrado pendeu para o chão, aquelles joelhos vacillantes dobraram-se e a fronte de alabastro da virgem tocou de leve a lage fria do santuario no cahir do corpo.

Ouviu-se então o cantar monotono e triste dos levitas, que psalmodiavam esses canticos tão bellos mas tão repassados de melancolia, do propheta; esses gritos d'alma no desalento da vida; esse anciar do coração que suspira pelo céo... e emquanto cantavam, ouvia-se o soluçar pungente, doloroso daquella que fôra sua mãe e que de então em diante ia perder todos os direitos que a natureza lhe dera, perdendo a sua filha, o doce fructo de seus santos amores.

E não chorava a virgem. Tinha os olhos seccos e ardentes, como se lh'os devorasse a febre e apenas de vez em quando corria-lhe pelos membros como que uma contracção nervosa, como que um calafrio, que lhe agitava o corpo.

O pontifice falou.

A voz, que respondia á sua, era firme, como a daquella que não mais hesita na resolução que tomou; como seria a voz do que, a braços com a desesperança, lança mão do meio extremo, unico que se lhe offerece.

E o «sim» fatal foi pronunciado.

Da fronte pallida da virgem cahiram grossas gottas de suor, mais ardentes tinha os olhos, mais tremulos os membros, porém firme e segura em a voz, que proferia a propria sentença que a condemnava á morte...

Alumnos do Externato Pedro Vaz, em Barra Mansa, que fizeram a primeira Communhão em 30 de Maio ultimo

E os levitas psalmodiavam essas notas tristes e melancolicas, como o grito d'alma que procura no céo a consolação que não encontra na terra.

Depois, uma a uma, aquellas madeixas tão negras, tão bastas, tão perfumadas, aquelle adorno da mulher com que a natureza a enfeitava, foram cahindo e alastrando a nave do santuario.

Uma lagrima, uma só, desceu silenciosa pelas faces da virgem e ao ranger da thezoura que o pontifice empunhava, ouviu-se como um gemido surdo, como um suspiro abafado, como um soluçar reprimido a lhe querer prorompor dos labios.

Oh! quantas vezes aquellas tranças, que alli estavam atiradas ao chão, não lhe lisongearam o seu orgulho de moça; quantas vezes não as contemplara ao espelho nessas noites de agitação e de febre, após as sensações de um baile, após as vertigens da valsa.

Depois sobre as vestes de renda, candidas como a neve, lançou-lhe o pontifice o burel grosseiro de monja, a mortalha que a separava para sempre do mundo.

O sacrificio estava consumado.

Morrera para a vida mundana, ia agora viver para o claustro, em meio das mortificações e do cilicio.

E abria-se a porta que levava para os aposentos do claustro.

No limiar assomaram os vultos negros das monjas que vinham receber a nova companheira, que se devotava tambem á vida que haviam abraçado.

Com os passos vacillantes agora para lá se dirigiu a virgem. Lançou os olhos pelo templo, como se estivesse a procurar alguem... Parece que nessa hora suprema lhe faltou a coragem: contára demasiado, talvez, com a energia d'alma; mão de ferro lhe esmagava o coração; e ao fechar-se para sempre a porta pesada que conduzia ao claustro e ao considerar-se só deixando as affeições queridas de seu peito, a alma de sua alma, o amor de seu amor, o anjo de seus sonhos... um grito de agonia sahiu-lhe profundo do intimo do peito e foi cahir inanimada nos braços das companheiras tambem, como ella, votada ao sacrificio. Ao grito que soltava respondeu outro grito, como de quem sente que se despedaça a alma nas contrações da agonia; depois ouviu-se um baque, como o de um corpo pesado e inerte que cahe no chão.

Foi um joven, pallido como um cadaver, que soltára o grito; fôra elle que cahira pesado e inerte como um morto!..

Encostado a um dos altares, mudo e sombrio como a estatua da desesperança assistira á cerimonia; depois ao ouvir o grito da monja, cambaleiara um pouco, como se estivesse ebrio, soltára o grito e cahira hirto sobre a lage do santuario.

F.

MODAS E MODOS

simplicidade tem sido a nota caracteristica da moda actual sem prejuizo para a elegancia das toilettes que temos visto, algumas deslumbrantes, nestas bellas tardes na Avenida e nas reuniões nocturnas da élite carioca, no salão do *Trianon* e no amplo recinto do Theatro Municipal.

Pouco a pouco vamos nos acostumando á silhuêta nova dos vestidos modernos, que apezar de differentes por completo, nas linhas apertadas de contornos, são encantadores e attrahentes.

As modistas afamadas procuraram fazer com rara habilidade a transição das saias estreitas, da estação passada, para as saias largas, amplas que estão actualmente dominando em toda linha.

Nessa passagem, como um meio termo, tivemos as tunicas e as saias duplas, que já vão rareando.

Em outra pagina desta secção as nossas leitoras encontrarão tres modelos de saias elegantes.

Falemos agora um pouco dos tecidos que estão mais em uso para a confecção das toilettes modernas.

Crepons, linon, organdini, musselina, e mesmo o taffetá, compartilham da preferencia das modistas mais adiantadas e de melhor gosto.

Ha grande variedade em crepons: estampados, lisos, listados, quadriculados, etc., de modo que os ha para todos os gostos.

Entre elles, porém, sobresae o de quadrinhos de duas cores, especie de mosaico, em que se alternam as cores branco e preto, branco e azul, branco e verde e branco e amarello.

Toilette para passeio, ultima creação parisiense para ser confeccionada em tecido leve de lã; golla virada, pequeno collete em fustão ou flanella branca

São de appariencia muito agradavel mas tornam-se muito conhecidos e por isso só convêm a quem possa dispor de muitos vestidos para revesar em seus passeios.

E' preferivel empregar o crepon estampado de pequenas rosas ou os que são bordados á mão com pequenas flores de cores vivas: amarello, azul, roxo ou cereja com ramagens verdes. Mas o crepon mais decorativo é, sem duvida o bordado de grandes flores, semelhantes ao crepon da China.

As cores mais usadas são: branco, malva, e sobretudo cinsento.

Ha tambem linon listado para blusas que vão muito bem com as saias de sarja ou cachemira. Estas blusas são listadas, listas mais ou menos largas com intervallos brancos e de harmonia com a cor da saia.

E a mousselina? Apezar de ser um tecido leve para a actualidade, a seguirmos a moda parisiense, pode ser empregada em vestidos flexiveis e elegantes para passeios em dias claros de sol radiante, que aliás não são raros durante o nosso suave e delicioso inverno.

A tule branca ou creme, com bordados finos, ligeiros arabescos, está em franco successo em Paris.

As jaquetas e saias modernas

Tres toiletes encantadoras: A 1.ª confeccionada em popelina ou linon com blusa de sêda, golla alta; a 2.ª em crépe da China bordado, saia com tres babados franzidos, cinto de setim preto e a 3.ª em voile estampado de pequenas flores, saia ampla apertada nos quadris, por tres franzidos, cinto alto preto.

A moda na sua constante evolução tem reservado deliciozas surprezas e novidades ás jovens elegantes.

Pois não será uma delicia essa saia moderna, ampla e curta, que indiscretamente deixa ver os pequeninos pés das nossas graciosas patricias nos seus passeios pelas nossas bellas Avenidas?

Verdade é que traz o inconveniente de obrigal-as a andar melhor calçadas do que nunca e como os sapatos devem acompanhar a côr da saia, torna-se obrigatoria maior despeza no sapateiro. Mas como nem a todas é possivel ter tantos pares de sapatos ou botinas quantos sejam os vestidos, por economia forçada, o recurso está nos sapatos pretos, ou brancos com a biqueira de verniz preto, amarello, ou até azul como já tivemos occasião de ver. Achamos preferivel usar neste caso uma boa botina preta de cano alto branco com atacadores de seda preta, ou então um sapato preto, simples.

Os tres modelos de saias que apresentamos nesta pagina á apreciação de nossas amaveis leitoras, sem grandes exageros, são a expressão graphica das ultimas creações de Paris.

Podem ser confeccionados em tecidos leves de lã, gabardine, crepon, cachemira, etc.

Ultimos modelos para mocinhas

No primeiro grupo vê-se um lindo vestido para passeio confeccionado em gabardine de lã, crepon ou drap e duas encantadoras toilettes para noite, baile ou theatro, a 1.ª confeccionada em tule cor de champagne ou mousseline com tres volantes pregueados e a 2.ª em crepe, tafetá ou organdini verde claro, cintura curta franzida, mangas curtas, pequeno decote.

No segundo grupo tres modernissimos vestidos para passeio rivalisam em elegancia e bom gosto.

Torneios Charadisticos

1°. *Torneio.* — Soluções dos problemas publicados no nº. 25: *Rosalia, Esmolar, Casaca, Corpinho, Parente, Raul, Rodo, Saul, Amor, Eva, Edade, Arara.*

Decifradoras com 12 pontos: Antonietta Mandarino, Ailez, Cecilia Netto Teixeira, Colibry, Crysanthéme d'Or, Farfalla Azzurra, Garota Nonicia, Izabel P. Aguiar, Junulino, Mercês, Melpomenes, Mar Dag, Myosotis, Roitelet, Verda Stelo e Zilda; com 11 pontos: As Tres Graças; com 5 pontos: Pasquinha.

2°. *Torneio.*—Premios ás duas decifradoras que alcançarem maior numero de pontos e a outora do melhor trabalho.

Directoria do Club de S. Christovão

PROBLEMAS Ns. 14 A 21

Charadas novissimas

O magistrado da Italia faz conferencia—2—1.
Garota Nonicia

Com feições de gebú eu vejo um homem
1—1—2
Cecilia Netto Teixeira

A prima está no céo porque daqui foi despedida—1—2 *Verda Stelo*

Esta mulher tem senso vagaroso—2—2
Antonietta Mandarino

Adora a região deste estado—2—2 *Mar Dag*

A flor do martyrio é da prece—2—2 *Singella*

A imagem da mulher está na ilha africana —2—3 *Ivna.*

A uva em viagem é boa provisão. *Mercês.*

PROBLEMAS Nos. 22 e 23

Charadas invertidas por letras

O suffixo é nome de homem—5 *Junulino.*

Esta mulher comeu a planta—4 *Melpomenes*

PROBLEMA N. 24

Charada apherisada

A mulher achava graça sem saber de que
—3—2.
Chrysanthéme d'Or.

PROBLEMA N. 25

Charada em quadro por letras

Vê-se com affecto um homem a resar, é muito singular — 4. *Farfalla Azzurra.*

PROBLEMA N. 26

Logogrypho por letras

SUPREMO DESEJO

(Soneto de João Baptista Campelli)

Entrei no "templo" em que ella estava, e via
3—7—18—17—6
Formosa, como sempre, e "deslumbrante"!
11—4—17—9—10—14—12
Beijava então a imagem edificante
De eburneo "Christo" que da cruz pendia
8—13—17—16—6
E eu que a adoro, desditoso amante
Que o seu olhar esmolo noite e dia—2—19—5
(O' crentes, desculpae-me esta heresia)
Tive inveja do Christo n'esse "instante"!
15—1—17—9

Ser Elle, desejei, á cruz pregado,
Votado, embora, a tão cruel destino,
Membros sangrentos rosto ecchymosado,

Comtanto que em seu labio purpurino
Pudesse com ardor haver gosado
Aquelle "beijo candido e divino!"

Ailez

Aviso

O problema n. 1 é uma charada electrica.

CORRESPONDENCIA

Ailez, Farfalla Azzurra, Roitelet, Junulino, Pasquinha e *Melpomenes.*—Recebemos. *Ivna.*—Inscripta, porém é preciso que nos mandeis o endereço.

Mercês—Recebemos as cartas. Essas cousas em charadas simples são muito communs. A's vezes não é plagio. Agradecemos, entretanto, a denuncia.

Verda Stelo.—Recebemos as vossas cartas. As mephistophelicas são faceis: primeira pedra: cama—maca; 2.ª pedra: pedaço—caco; conceito: animal; solução: macaco.

Cecilia Netto Teixeira.—Tendes razão. Foi um cochilo nosso. Rogamos desculpas. Fizemos o que nos pedistes. *Orama.*

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º ....

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
15—7—915

NOTAS THEATRAES

Brevemente subirá á scena, em um dos elegantes cinemas de Nictheroy, a revista em dois actos, tres quadros e duas apotheoses, dos intelligentes moços Olavo Leite Bastos e Pericles Maciel. Essa revista que tem por titulo *Nictheroy Núa* vai sem duvida fazer successo, não só pelo bem arranjado enredo como pelos seus magnificos versos e deliciosos trechos de musica.

Tivemos no *Pathé* a *première*, da engraçada comedia em 3 actos, *Deputado a Muque*, traducção e adaptação de Candido de Castro, nosso collega de imprensa.

Leopoldo Fróes agradou extraordinariamente no papel de protagonista, Tarquinio Sevéro da Boasorte.

Seria injustiça deixar de mencionar os nomes de Gabriella Montani e Martins Veiga que deram muito realce aos seus papeis.

O *Trianon* impoz-se ao bom gosto do nosso publico selecto e actualmente, com a representação do *Intruso*, de Coelho Netto conta por enchentes as suas representações.

O Dr. Christiano Souza, director, do magnifico conjuncto artistico que ahi trabalha acaba de contratar a actriz Davina Fraga, incontestavelmente um excellente elemento para a homogeneidade da sua *troupe*.

O Dr. Raul Pederneiras, o applaudido autor da revista *A Ultima de Dudú* e de muitas outras peças de successo, escreveu agora uma nova revista, com o suggestivo titulo *Morro da Graça*, para ser representada no Theatro Republica. A musica é do conhecido maestro Assis Pacheco.

Socios e convidados que assistiram ao sarau dansante no Club S. Christovão, no dia 26 de Junho

FALTAM

PAGS - 25 E 26

Vejo tudo brilhando em torno do meu sêr:
Aurora desatando os laços escarlates
da celeste cortina, envolve o meu viver
no perfume subtil dos lindos açafates!

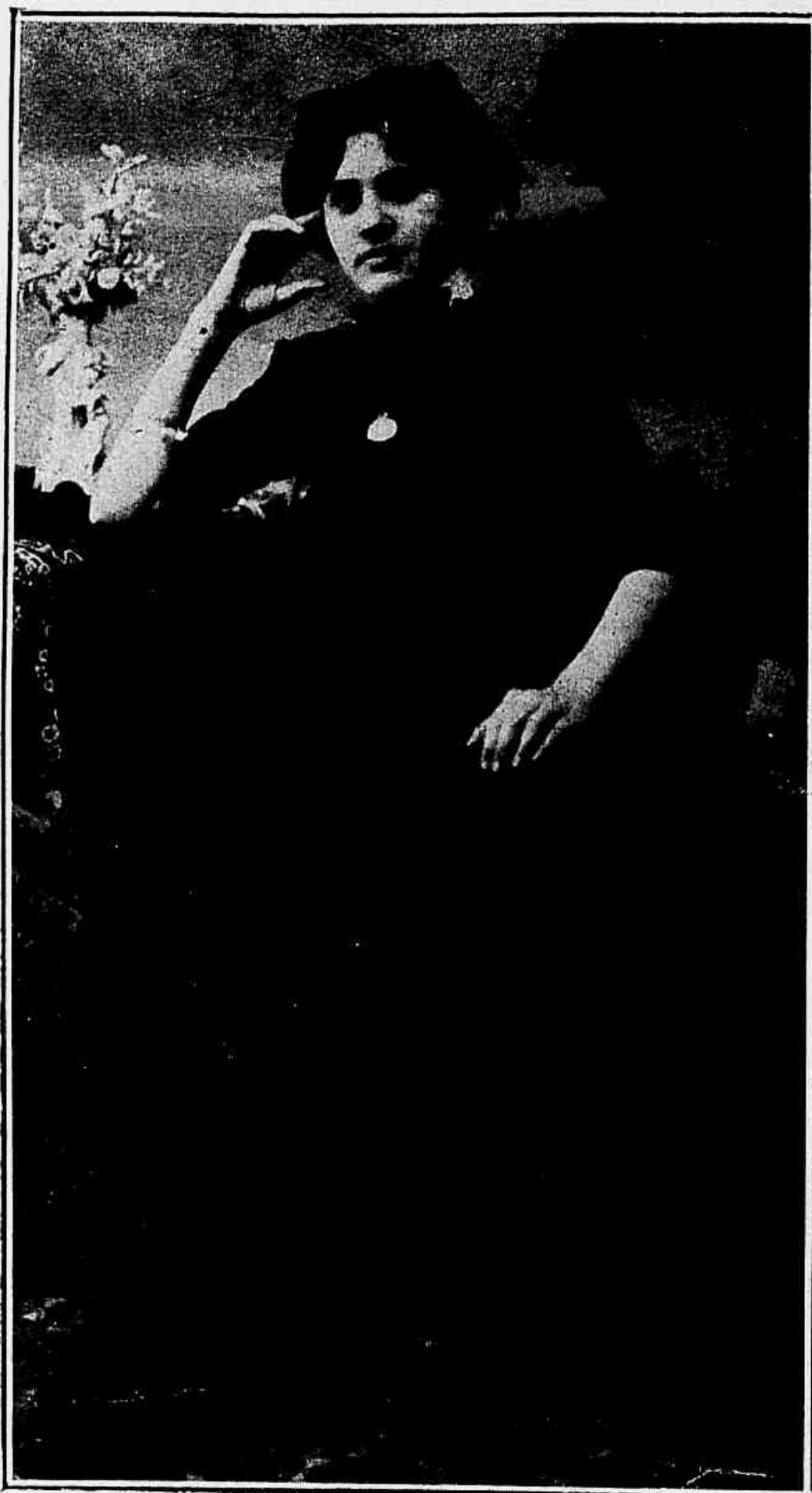
A nympha do meu sonho, ergue a visão phantastica
entre sylphos... bailando! Accorda nos seus ninhos
os louros passarinhos,
e, entre gazes de côr, numa divina plastica,
ergue a fremente lôa ao grupo dos anjinhos.

Pares mil de namorados,
á beira do regato, expandem-se contentes
entre os perfumes alados
da corolla gentil das flôres rubescentes.

A' superficie limpida das aguas
surgem, num grupo immenso, os brancos nenuphares
como se o lago azul symbolisasse as maguas
na completa nudez de férvidos cantares.

E vejo em tudo, o amôr sorrindo, anciosamente...
....os passaros, em bando, erguem d'alma cantora,
a lôa arrebatada e magestosamente,
volitam pelo espaço em curva seductora.

Em toda a natureza, o riso desamarra
o deleite da Vida em soberbos desejos,
desde o canto estival da lépida cigarra,
ao coaxar de mil rãs! Vejo tudo risonho,
escutando afinal, do regaço do Sonho:
um sussurro feliz — de risos e de beijos!

Violeta Odette.

Mme. Nair Rodrigues, esposa do negociante d'esta praça, capitão Guilherme Rodrigues.

O OLHAR DA MULHER

Os olhares das mulheres são como as rodas de certos machinismos formidaveis, apparentemente tranquillos. Passaes todos os dias ao lado della, pacifica e impunemente, sem que suspeiteis cousa alguma. Chega um momento em que até esqueceis a sua existencia tão proxima. Andaes de um lado para outro, meditaes, falaes, rides. Derepente, senti-vos presos!

Acabou-se tudo...

A engrenagem segura-vos, o olhar prende-vos. E prende-vos não importa por onde nem como, por uma parte qualquer do vosso pensamento, por uma distracção...

Estaes perdidos.

Passar-vos-á toda o corpo pela engrenagem. Sois arrastado por um encadeamento de forças mysteriosas e em vão resistireis. Não haverá soccorro humano possivel. Ireis cahindo de roda em roda, de angustia em angustia, de tortura em tortura, vós, o vosso espirito, a vossa fortuna, o vosso porvir e a vossa alma; e segundo estiverdes em poder de uma creatura má, ou de um nobre coração, não sahireis da medonha machina sinão desfigurado pela vergonha ou transfigurado pela paixão!

VICTOR HUGO.

AMAR, ESPERAR E DESEJAR

I

Sabes o que amo ? Não é a gloria, de certo ! Não é essa fascinadora e cruel divindade, a cujos pés os louros rolam sempre molhados de sangue e lagrimas !

Não é a riqueza ! . . . A riqueza embala em seus braços macilentos o lugubre phantasma da vigilia e do terror !

Não é a fortuna! a desvairada deusa protectora dos loucos ambiciosos, cujo pedestal o destino construiu sobre a garganta dos funebres abysmos.

Eu amo... o bando das borboletas felizes, que povoam a languida transparencia da tarde.

II

Sabes o que eu espero ? Não é a corôa explendida do triumpho, nem o manto de arminho e purpura que os predilectos da victoria arrastam entre as ambições da terra !

Não é um nome de certo . . . O nome desapparece veloz, e o esquecimento baixa depressa e tão solemne sobre a memoria, como a mortalha sobre os ossos descarnados e frios.

Eu espero . . . morrer numa noite de estrellas, com as mãos entre as tuas e a cabeça extendida no collo de minha mãe.

III

Sabes o que eu desejo? Não é a lapide ornada de custosos emblemas, florões de marmore de Paros e figuras allegoricas symbolisando a minha morte.

O marmore cae flagellado pela espada do tempo, e as lettras d'oiro do epitaphio apagam-se pouco a pouco, lembrando ao vivos que a vaidade é pó e que o orgulho humano deve estacar perante a magestade sombria da sepultura.

Eu desejo que plantes a cabeceira da minha cova um grupo de rosas e madresilvas com as tuas proprias mãos.

E minha alma virá todas as tardes no bando de borboletas felizes, espalhar entre os teus cabellos o aroma das flores que perfumarem o tumulo de teu desditoso amor.

Luiz Guimarães Junior.

Fifita — Dino — Lany
leitores e inseparaveis amiguinhos do "Jornal das Moças" residentes em Sodré, E. do Rio

Senhorita Dinan Lantinant

O Sr. Julio Lobato Koeler e Mlle. Nair Leite e Almeida, que contrataram casamento no dia 6 de Julho

VENENO

PARA O ALBUM DE SANTINHA

E á hora dos mysticos sonhares, ao tremulo desabrochar das estrellas somnolentas, a curva dum caminho, junto á fonte, fallei-lhe um dia de amores e pareceu-me chorar. Nunca mais pude esquecel-a.

***

Um dia partio chorava... chorava, tremula e bella. Morria Abril lentamente; Maio cobria-se de flores...

***

E hoje, como sempre, ao cair da tarde, a curva do caminho, evocando sua imagem; junto á fonte enveneno o proprio coração com os beijos macilentos que as pallidas estrellas imprimem á flor das aguas.

Gentil Malveiros.

DESMORONAMENTO

A amiguinha Luiza Rocha

A tarde estava linda. O sol, meio encoberto por douradas nuvens, lentamente desapparecia no horizonte, deixando a natureza envolta na suave melancolia crepuscular . . .

Resolvi dar um passeio; dirigi-me para o Leme.

As ondas erguendo-se altivas, beijavam constantemente a branda areia onde a lua — a pallida rainha — como disse o poeta, reflectia seus raios argentinos, pois a noite descia, trazendo em seu seio, uma brisa impregnada de perfumes . . .

Contemplando tanta belleza, passeava a scismar, quando vi, sentadas sobre a areia duas lindas crianças, dois anjos, se os ha na terra; divertiam-se em fazer pequenos montes de areia. De repente uma d'ellas exclama: "O meu está prompto!" E alegre pulava. Com effeito, a sua montanhasinha de areia estava perfeita e alterosa.

Mas eis que um vagalhão assustador e inesperado, corre velozmente a se estirar na praia, e n'um segundo, destróe o trabalhosinho da criança que se põe a chorar. Mas o que fazer?... Recomeçar ? . . .

Reflecti sobre o que vira e conclui : Assim são os bellos castellos dourados que a mocidade constróe, os sonhos roseos que vollitam como borboletas nas cabeças inexperientes dos jovens apaixonados que entregues á sua felicidade vêm inesperamente desfeitos todas as illusões em que viviam.

Clumenta.

OUVINDO-TE
MAZURKA
por Francisco ESCUDERO
Ao distincto jornalista
Dr. Rodolpho Ambronn
PIANO
p
Com expressão
1. 1ª Vez
2ª Vez
F
F
animado
cresc........
p
dim........
cresc........

SARAU DA MODA

C. de Carvalho—*Maria Luiza* (valsa Boston . . . 1$000
Constantino Filho—*Baiser du femme* (schottisch) 1$000
Christo—*Traduzindo amôres*, (schottisch) . . . . 1$000
Constantino Filho —*Enguiçou*, (polka) . . . . . 1$000

Bulhões—*Sapéca* (polka) . . . . 1$000
Louro—*Muleque Vagabundo* (tango) . . . . 1$500
J. Silva—*Veruta y Chicharron*, (tango argentino) . 1$000
L. Corrêa—*Capanga* (one-step) . . . . 1$000

A' quem idolatro

A ingratidão é uma "feiticeira" capaz de transformar em martyrio uma vida cheia de alegria e repleta de felicidade.

A. da Silveira Bulcão.

A alguem

A saudade é a maior dôr que nasce no coração da mulher amada.

A phrase **amo-te,** é a expressão mais pura e santa, que pode sahir dos labios daquelle que nós amamos verdadeiramente.

Fabrica das Chitas, 17|6|1915.

Maria Dolores Gonçalves.

A Alzira

Se nos foge o amor simplesmente porque não o sabemos cultivar, o choque que sentimos nos abala a alma, porém não é tão grande quanto o que se sente ao se perder um amor após infructiferos esforços, pela poderosa razão de que esse amor é voluvel e acoberta-se com a abominavel capa da ambição!

J. Silva.

A graciosa Mlle. Consuelo

Pela siderea luz do teu olhar,
Pela doce expressão do teu sorriso,
Eu creio não haver no paraizo
Um anjo que a ti possa igualar...

Oswaldo M.

A Mlle. P.

Nictheroy.

Guardo em silencio no meu coração, que é cofre sagrado, todo o amor que por ti dedico, apezar da tua indifferença cruel e esmagadora!

O. A.

A Eli

O nosso amor é um rochedo que está no meio do oceano da inveja, constantemente batido pelas ondas da calumnia, e que jamais se esphacelará.

Oçaglem.

A. A. O. B.

Amor — sentimento sublime que se aninha nos corações ainda ao desabrochar da vida, no decorrer da existencia, em todas as suas phases; palavra portadora de doces momentos de completa alegria, prazer e abstracções ou horas de desgostos, dôres, inquietações, levando muita vez, os que se acham delle possuido á pratica dos mais vis crimes, como tambem ao comettimento das mais nobres acções.

Esse termo graphicamente considerado, é extremamente pequeno, porém, de uma concepção grande, infinitamente grande.

Impregnado de mysterios como uma Sybilla, enche este immenso Universo ou alarga cada vez e com mais intensidade um abysmo ou sacrilegio de todos animaes, porque o **amor** por si só, já é um abysmo insondavel.

Esp. Santo, Vic., 16|6|915.

J. M. S.

ROSA E VIOLETA

A minha prima Luzia Pereira.

Rosa, a flor que é soberana
E de todas a mais bella,
Que perfume doce emana!
Nenhuma prefiro á ella

Tambem é linda flôrsinha
A violeta odorosa,
Porém querida priminha
Muito mais chic é a rosa.

Maria da Gloria R. Pereira.

A' minha amiguinha Sarah.

Saudade! triste flôrsinha que symbolisa a magua que sentimos quando ausentes duma pessoa a quem dedicamos sincera affeição.

Isaura Rodrigues Pereira.

A' minha prima Mariasinha Pereira.

Esperança!! pharol dourado que nos indica o porto da Bella Felicidade.

Isaura Rodrigues Pereira.

A Lóló

Amor de mãe! — amor incomparavel, urna sacrosanta de todas as virtudes, fonte inesgotavel do hydromel do carinho e da bondade!

Luiz Cavalcanti.

A Maria Amelia.

Minha existencia sem teu amor assemelha-se a um fragil batel sem leme e sem véla, vogando á tôa sobre vagas procellosas.

T. Tagarella.

POR QUE ?

A' S. Midão C.

Que sentimento impede sua graciosa pessoa de apparecer-me, quando, por sua casa já toda fechada, eu passo entoando uma melancolica canção popular, tão adequada á hora em que romanticamente nos vemos?...

"São dez horas"...

Deprym.

A' P. P. B.

Quando dois entes amam-se verdadeiramente, não dévem medir sacrificios, embora crueis, para a completa destruição de uma qualquer barreira que lhes possam offerecer, quando em caminho para a conquista do idéal sonhado.

Nictheroy, 30|6|15.

A. C. V.

Para o Zeg

Ainda ha poucos dias eu estava tranquilla, ignorando as commoções que o amor origina; a alegria brilhava em meu rosto e nada me impressionava. Tal era a paz em que vivia até o momento de te conhecer, momento em que em mim tudo soffreu uma completa mudança.

Não terás, agora, animo para me condemnares, com infundados rigores, a um tormento infinito, que me levará ao desespero...

Alberto Torres, 26|6|915.

L...

A querida Zilda Watson.

A amizade é doce laço que une os corações de duas amigas. Sem ti o mundo seria um deserto e os habitantes pereceriam ao peso de immensa solidão.

Rio, 24|6|915.

Emeri Itnaclava.

Ao meu noivo.

O teu olhar suave, bello e doce, é o lago tranquillo e sonhador, em cuja superficie banha-se o cysne de minha alma, que, célere, vae até ao seu leito, a procurar o verdadeiro diamante — symbolo de um amor puro e sincero.

Anilosy.

A quem eu amo.

Amar a quem jamais nos poderá pertencer, é avançar sobre um precipicio e fazer delle a nossa sepultura em vida; "é um eterno pesadello!..."

Bello Horizonte.

Clarita Neves.

A quem me entende

Esperança! Vã chimera!

A esperança é um berço em que nos embalamos docemente, procurando adormecer a insomnia do infortunio.

Bello Horizonte.

Clarita Neves.

Idolatrado Ascanio Acc.

Assim como as flores me innebriam com seu perfume, tu tambem me encantas com a tua dedicação e caricias.

Lili.

Para o Doley P. Sá.

Em um coração como o teu só existem falsidades e hypocrisia.

Helena.

Um pae, ricaço e bastante idoso, quiz distribuir a sua fortuna entre seus tres filhos. Depois d'isto feito disse:

«Tenho ainda um diamante que destino áquelle que dentre vós se distinguir por qualquer acção nobre e generosa.»

Para obter o diamante precioso, os filhos partiram para viagens diversas. Mas, ao fim de tres mezes, voltaram ao lar paterno.

O mais velho, dirigindo-se ao pae, falou-lhe n'estes termos: Durante a minha viagem, um estrangeiro confiou-me um deposito, sem ter a certesa do meu caracter, e logo que m'o pediu, entreguei-lh'o intacto. Dizei-me, meu pae, esta acção não merece elogios?

Responde o pae: Fizeste o que devias fazer, meu filho, e todo aquelle que procede de outra maneira, não passa de um ladrão e impostor. A tua ação foi boa, mas não generosa.

O segundo filho contou que passeando n'um jardim viu uma mulher cair a um lago. Correu em seu socorro, e tirando-a da agua, salvou-lhe a vida. O pae replicou. Fizeste o que todos nós devemos fazer, para salvar o semelhante.

E tu, meu filho? disse o pae dirigindo-se ao terceiro. Eu encontrei um meu inimigo adormecido á margem d'um abismo. A sua vida, estava nas minhas mãos, Pois bem; em vez de me vingar, precipitando-o, não o fiz. Preferi docemente acordal-o e afastal-o do perigo.

Oh! meu filho, respondeu o pae, beijando-o e abraçando-o. O Diamante pertence-te! Que grandesa d'alma, fazer bem ao inimigo. Vêde, meus filhos, esta é que é uma acção nobre e generosa; e o diamante será o preço da generosidade.

ZIZINHA, filha do nosso amigo J. F. Rangel

O galante Jayme, filhinho do Snr. Jacomo Rosario Staffa

A mãe e o leão

Um enorme leão fugido do jardim Zoologico de Florença, percorria as ruas desta cidade, lançando rugidos terriveis. Ao vêl-o approximar-se, os transeuntes fugiam aterrorisados, procurando fecharse e esconder-se em qualquer casa que encontrassem. Uma pobre mulher, que levava o seu filhinho nos braços, e que não podia correr, devido ao precioso fardo, fez a deligencia para alcançar uma porta que se abriu na sua frente, mais com rapidez, deixou cahir a creança. Que horrivel momento para a pobre creatura! Se abandonasse a creança, vel-a-ia feita em bocados pelas guelas insaciaves da féra. Se a quizesse agarrar, seriam as duas que desappareciam d'este mundo. Mas o coração de uma mãe, nunca mede um perigo. A mulher precipitou-se aos pés do animal feroz que já tinha agarrado a creança. E com uma voz cheia de terror e chorando disse-lhe: *Leão! poupa o meu filho.* E taes palavras, parece que sensibilisaram o leão, pois que a sua ferocidade foi vencida. E largando a creança, continuou a sua derrota devastadora, depois de ter deitado á pobre mãe, um olhar onde transparecia o contentamento da acção que acabava de praticar.

MIGUEL COELHO

As gentis meninas Olga e Encarnação Alcoba, a primeira filha e a segunda sobrinha do Snr. Affonso Alcoba Ruiz-Agudos (S. Paulo)

O sympathico Zezi, filho do Dr. Randolpho Chagas

ÁS CREANÇAS

Quantas vezes chego a acreditar que essas graciosas creaturinhas, são assaltadas por intuições magnificas!

Quem poude ainda perscrutar o cerebro infantil?

Quem decifrou ainda um sonho, um sonho apenas de uma dessas delicadas estatuêtas de carne e osso?

Interroguemos ao sobrenatural e elle não responderá.

Sacudamos das cinzas millenarias, as sacerdotizas que assombravam os povos com as suas revelações e, nem um vestigio explicativo encontraremos.

Os sentimentaes e os romanticos affirmam que estes anjos terrenos brincam com os anjos celestes; affirmam que os seraphins baixam á Terra, junto ao berço dos innocentes, para lhes incensar como o aroma bemaventurado da pureza; por isso, as creancinhas sorriem quando dormem.

Não observaram nunca o somno tranquillo dum innocente?

Nunca sentiram a alma enleiada por mil interrogações, vendo este magico sorriso, que até hoje tem permanecido inexplicavel?

O sorriso do innocente que dorme, é apotheóse da pureza, o symbolismo do espirito immaculado, a synthese dos sentimentos ainda em embryão, o problema mysterioso do futuro.

E' o mais bello sorriso que existe, pois não ha nenhum outro em idade mais adeantada, que o iguale.

O velho, que attinge a sua segunda infancia — pela semi-lethargia do cerebro, nunca poderá ter um sorriso assim; existirá sempre um cunho de desillusão, um mytho de horror e de desesperança. O sorriso do velho é mais um rictus tristissimo do que uma expansão de prazer.

Os jovens, os adolescentes riem nervosamente; ha uma especie de anciedade e de desejo no riso delles.

Só os innocentes guardam o segredo do sorriso; onde não vemos a sombra vil e má da ironia mordaz é no labio dulcissimo destes queridos anjos da terra.

Vidette.

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

OS nossos bons amiguinhos, leitores desta secção, certamente terão ouvido falar nas sete maravilhas do mundo, mas talvez não tivessem ainda quem lhes explicasse o que eram essas decantadas maravilhas do mundo antigo.

Eram as seguintes: Pyramides do Egypto, o pharol de Alexandria, os jardins suspensos da Babylonia, o templo de Diana, de Epheso, a estatua de Jupiter, o mausoléo de Artemisa e o colosso de Rhodes.

As pyramides do Egypto são as unicas que ainda existem, que prendem a attenção dos viajantes e são uma prova da intelligencia e capacidade dos seus constructores, na maioria gregos.

Essas pyramides que têm resistido a acção destruidora do tempo, foram construidas 5534 annos antes de Jesus Christo.

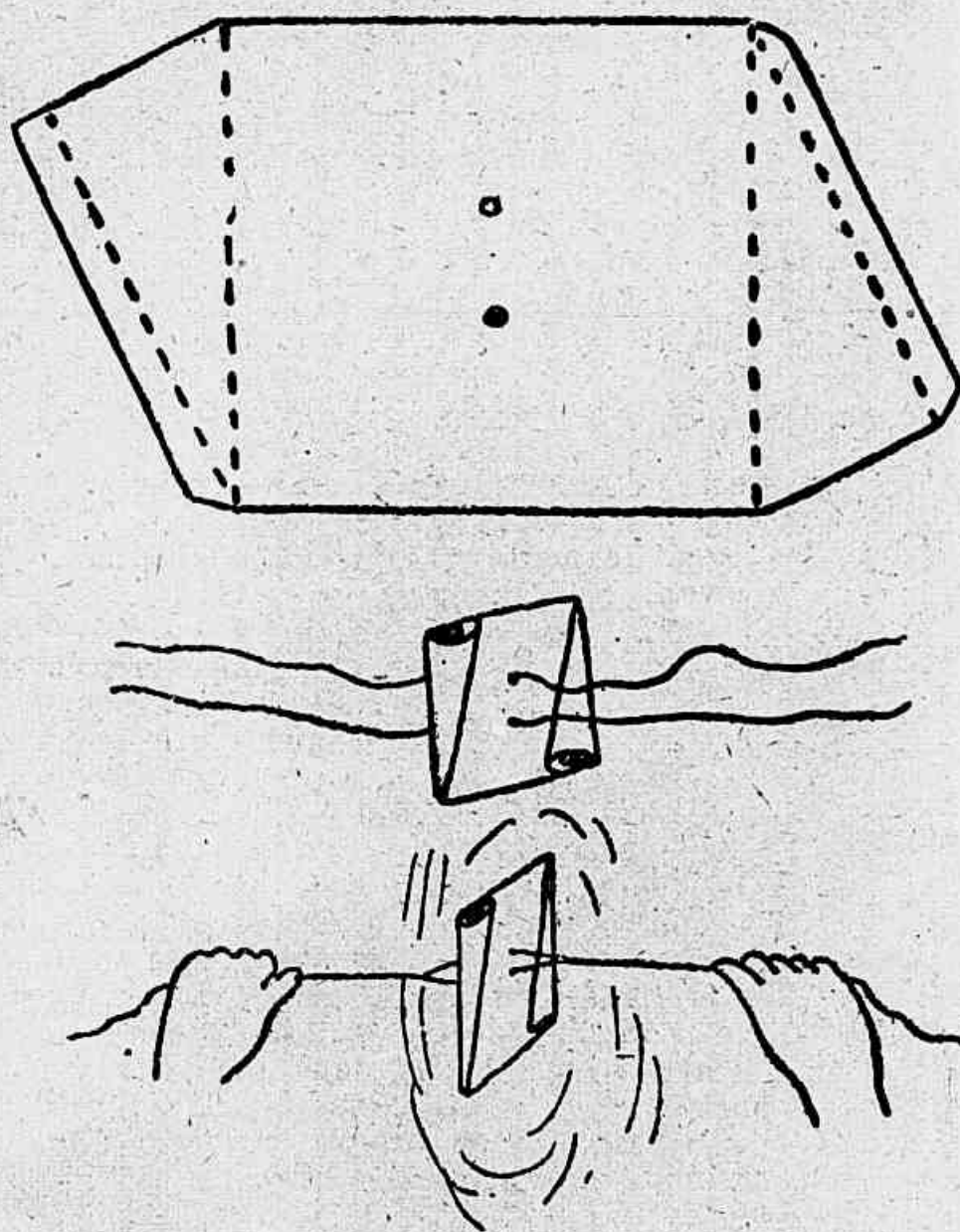
O famoso colosso de Rhodes na entrada desse porto serviu de pharól. Um terremoto derrubou-o.

A estatua de Jupiter Olympico, no templo do seu nome, media 20 metros de altura, 30 de largura e 72 de comprimento e a estatua e o throno eram de ouro e marfim.

Citaremos agora as sete maravilhas modernas, bem conhecidas dos leitores e que são: o telegrapho sem fios, o telephone, o aeroplano, o radium, o raio X, a analyse do espectro solar, antisepticos e antitoxicos.

Estas maravilhas, porém, não se podem comparar bem com as antigas que attestavam, a intelligencia, a perseverança e o trabalho dos seus creadores, ao passo que as modernas são expoentes da civilisação e quasi todas de origem inventiva.

E o submarino? Não pode ser considerado tambem uma maravilha?

PARA AS HORAS DE RECREIO

O RONCADOR — Corte e pregue em um cartão a (fig. 1) Dobre as pontas pelas linhas pontuadas virando-as em forma de busina, (fig. 2). Passe dois fios de barbante pelos furos feitos nos pontos indicados (fig. 1). Puxe com força as extremidades do barbante e o roncador se fará ouvir.

O filho do ferreiro

DO ALBUM DE LUCILIA

Antonio Precossi é filho de um ferreiro que, de ha tempos, se entregou ao alcool e abandonou o trabalho. Como todos os homens que assim procedem elle tem em casa a fome e o desconforto.

Espanca barbaramente o pobre filho, que, não raro aparece na escola cheio de echimoses, com os cadernos e livros rotos ou queimados, porque o pae, movido pela embriaguez, tudo estraga.

Apezar disso o pobre pequeno nunca se queixa, antes trabalha e estuda com muito amor.

Na ocasião de distribuição de premios na escola, foi-lhe dada a segunda medalha.

A' saida, ia passando o pae.

O mestre viu-o, falou ao ouvido do inspector, e este, tomando Antonio pela mão, levou-o ante o pae a quem disse:

— E' o senhor o pae deste rapaz, não é verdade? Pois dou-lhe os parabens. Seu filho ganhou a segunda medalha entre os cincoenta companheiros! E' um menino intelligente, bom e affectuoso, a quem todos estimam. Pode orgulhar-se delle!

O ferreiro ouviu-o sem comprehender, olhando ora o inspector, ora o filho, que tremia, e de repente, como se só, naquelle instante comprehendesse tudo o que tinha feito á boa e heroica criança, retratou-se-lhe no rosto uma dôr muda, e, lançando os braços ao pescoço do filho, apertou-o terna e convulsivamente.

Passados tempos, um amigo e condiscipulo do pequeno, foi a convite deste e acompanhado por seu pae, que conhecia o passado do ferreiro, visitar a officina.

O pequeno, sobre um monte de tijolos, estudava, emquanto o pae trabalhava denodadamente á forja.

— Eil-o trabalhando com a vontade antiga, não é verdade? diz o visitante.

— Sim, respondeu o operario, e sabe quem me fez lembrar o meu dever? Foi aquelle bom rapaz, aquelle querido e bom filho que estuda, fazendo honra a seu pae, emquanto eu andava na vadiagem e o tratava como a um animal de carga. Quando vi aquella medalha!...

E, cobrindo o filho de beijos, chorou sentidamente.

Queridos pequenos; aprendei neste bello exemplo a ser perseverantes, estudiosos e bons. A recompensa do cumprimento do vosso dever, achal-a-eis sempre na alegria e amor de vossos paes.

(Jornal da Mulher).

RECORDAÇÃO DE UM CONTO

Tudo faltava em casa. A miseria sombria
Tombava, como a noite avassalante e fria,
E tudo que existia em casa de valor
Fôra para vender á casa de penhor.
Ante a fome e o frio, o pae pragueja agora
Contra a sorte cruel, emquanto a mulher chora.
Uma creança loira, um pequenino sêr,
Vendo a mãe a chorar e o pobre pae soffrer,
Ante tamanha dôr que em seu olhar se espélha,
Lembrou-se de inda ter uma boneca velha,
Que o padrinho lhe deu quando se baptisou.
Foi a uma caixa, abriu-a, e a boneca pousou
No collo. Largo tempo, a reflectir, sem fala,
Sem um gesto siquer, ficou a contemplal-a.
Aquelle trapo velho a que ella amava tanto
Era de sua vida o mais ditoso encanto.
Arredal-o de si era qual si arredasse
Parte de sua vida ou se o mundo acabasse.
Mas a mãe a chorar, ella sentindo fome,
O pae a praguejar mil injurias sem nome
Contra o destino atroz, cruciante e sombrio
Que os mata de miseria e os faz morrer de frio,
Emquanto a mãe soluça e o pae, faminto, impreca,
Ella pensa, coitada! em vender a boneca.
Embrulha-a num papel, com ternura e carinho,
Sem que ninguem a visse, e lá segue o caminho
Da casa de penhor. O frio da orvalhada
Pela rua sem luz corta como uma espada.
Quem a vê, adivinha
A dor que sente n'alma a pobre creancinha.
A "filha" que ella leva alli, alvez de bruços,
Parece-lhe dizer, entre magua e soluços,
Sob o braço que lembra a protecção de uma aza:
"Não me vendas, ó mãe! Volta commigo á casa.
"Por essa estrada assim não sigas, não te afoites.
"Tens fome? Eu encherei todas as tuas noites
"Dos contos mais gentis, das mais lindas balladas
"Verás cercar-te o berço um circulo de fadas.
"E' bem possivel té que uma dellas te tome,
"Leve-te ao seu palacio e assim te mate a fome!"
De tanto caminhar, arqueja, treme e cança
A pobre, esfarrapada, a misera creança,
C'o aquelle fardo ao braço, immundo como o chão,
Mas limpo, ao seu olhar, como o seu coração.
Nisto, na noite escura, irradia o fulgor
De uma luz. Com certeza a casa de penhor.
Seguio. Foi caminhando aos poucos, passo a passo,
Aconchegando sempre a filha sob o braço.
Que chegassem, temia, os isntantes fataes
Em que a iria deixar p'ra nunca vel-a mais.
Chegando em frente á casa, ella o passo detem.
Olha p'ra o interior e lá não viu ninguem.
O dono só. Avança e quer entrar. Recua.
Quanto medo ella tem! Que grande magua a sua!
Mas que caso fará, meu Deus, o homem della,
Tão inexperiente e tão pequena é ella?
Afinal avançou, mas encostou-se á porta.
S'tava fria e gelada assim como uma morta.
De vez em quando olhava a esmo, timidamente,
P'ra o interior. O usurario, absorto, indifferente,
A principio, não vira aquella creancinha
Que tão afadigada e de tão longe vinha.
Mas depois attentou, viu-lhe a figura esguia,
Approximou-se della: estava fria, fria.
"Que fazes tu, pequena? Acaso estás perdida?!
Ella responde a custo, a voz preza e sumida:
— "Mamãe chora, senhor, coitada, sem que tenha
Um pedaço de pão ou uma acha de lenha.
Hontem papae vendeu o armario vazio,
Tal era a nossa fome e tal o nosso frio!
Eu me lembrei então de em casa só restar
Isto que trago aqui para o senhor comprar."
E a timida creança, os olhos marejados
De lagrimas, com dor nos sons da voz magoada,
C'o a mãosinha a tremer, desembrulhou a custo
A boneca. Surgiu primeiro o negro busto,
Depois a veste suja, enfim todo o objecto,
De sua curta vida o mais querido affecto!
Olhando aquella gasta offerta sem valor,
E vendo a creancinha a soluçar de dôr,
Pois se vae desfazer daquella prenda rara.
Que com tanto carinho e enlêvo ella guardara,
Só para mitigar a fome de seus paes,
Exposta ao frio intenso, á noite escura e ao mais,
O usurario, pegando uma moeda de ouro,
Parte do coração, parte de seu thesouro,
Entregou-a á creança e disse-lhe baixinho:
— "Toma, meu pobre anjinho,
Com isto comprarás uma roupinha nova
Para tua filhinha." E ante aquella prova
De dor que elle sentira e funda commoção,
Os cotovellos finca á taboa do balcão
E nos punhos repousa a fronte incendiada.
Quando a creança emfim se despediu, coitada!
Elle estendeu-lhe a mão e, sem poder falar,
Em soluços prorompe e começa a chorar.

Ricardo BARBOSA.

DE TUDO UM POUCO

O futuro das crianças

Quando uma criança entra no mundo, não importa quão humilde possa ter nascido, ninguem pode dizer onde irá parar. Santo André, o apostolo, era filho de um pescador e o pae de S. João seguira tambem da mesma vida.

Aristoteles era filho de um medico obscuro; Colombo, de um cardedor de lã; Diderot, de um ferreiro. O celebre viajante Cook teve por paes a humildes criados de servir. O rei de Talma era dentista, o de Gesner, livreiro. Euripides era filho de uma vendedora de flores; Salvador Rosa de um agrimensor; Virgilio, de um padeiro; Tamerlane, de um pastor; Voltaire, de um collector de rendas; Boccacio, de um negociante; Moliére, de um tapeceiro-armador e Rosseau, de um relojoeiro. O pae do grande Shakspeare, era... carniceiro! O de Rembrandt vivia de um moinho em que trabalhava. Por fim, Lincoln era filho de um lenhador muito vulgar.

Entre os grandes homens que figuraram no Brazil e ainda hoje alguns são notabilidades nas sciencias, lettras e artes, muitos provieram de familias bem humildes aos olhares altivos. Mas em todos os casos a Natureza mostra que ainda os mais pobres não devem desprezar dar boa educação, boas bases, a seus filhos. Elles podem ser grandes homens e Jesus Christo, mesmo, nasceu em circumstancias tão humildes que os judeus não quizeram acreditar que elle era o Messias prometido.

◆◆◆

Traças

Para preservar as pelles finas, usa-se na Russia de uma tintura chimica, composta do seguinte modo.

Pimenta de Hespanha — 1 gramma;
Camphora — 1 gramma;
Alcool a 80° — 8 grammas.

Os dois primeiros corpos são depositados no alcool, onde permanecem durante dez dias. Espreme-se em um panno branco e filtra-se o liquido obtido. Impregna-se com esse liquido as pelles e as roupas que se quer preservar das traças, enrolando-as em seguida num pedaço de panno grosso, de algodão ou aniagem.

O acido-phenico tambem dá bom resultado, embebendo-se uma pequena esponja e collocando-a em um frasco, tapado levemente com algodão em rama, que se colloca nos moveis.

◆◆◆

Homens celebres

E' notavel a coincidencia dos homens celebres não morrerem de morte natural.

Vejamos alguns exemplos:

Julio Cesar, Cicero, Esopo, Henrique IV, Archimedes — assassinados.

Socrates, Aristoteles, Alexandre, o Grande — envenenados.

Gustavo Adolpho, Carlos XII — morte violenta.

Bento, Annibal — morte voluntaria.

Scipião, Camillo, Themistocles, Napoleão I, Dante e Ovidio — no exilio.

Tasso — no carcere.

Christovão Colombo, Camões, Cervantes, Corregio e Mozart — na miseria.

Medicina instinctiva

O gato cura a sua enfermidade, com a herva néveda (especie de hortelã).

O veado extrae as settas com o dictamo, herva muito apreciada pelos antigos pelas suas virtudes.

O leão, na sua febre, usa (como diéta) carne de macaco.

O elephante, comendo o cameleão, usa como antidoto as bagas de zimbro.

O urso livra-se das indigestões, comendo formigas.

A rapousa cura as suas queixas com resina de pinheiro.

O kagado, comendo vibora, cura-se com o oregão ou dictamo.

O cão, nas suas colicas, procura o trigo ou a gramma verde.

A perdiz e o grou curam-se com as folhas de louro.

A cegonha tem tambem o seu remedio na semente de oregão.

A poupa (ave) tem a sua medicina na avenca.

A gralha cura-se com a verbena.

O tordo com as folhas de murta.

A cordomir usa da gramma.

O cysne cura-se com a semente de ortiga.

O sapo procura sempre a serralha (planta).

O corvo com o dictâmo.

O javali com folhas e bagos de hera.

◆◆◆

As bellas mãos

Para termos bellas mãos, brancas e macias devemos applicar o seguinte processo:

Lanolina naphtolada, 60 grammas; glycerina camphorada, 40 grammas; balsamo do Perú, 5 grammas; salol, 2 grammas.

Applicae este creme todas as noites e depois enxugae as mãos com uma mescla de farinha de grantusco e de talco de Veneza. Conservae durante a noite, velhas luvas de pellica.

◆◆◆

Opinião de Bonaparte sobre o suicidio

Certo granadeiro da guarda consular, não podendo supportar o desprezo de uma moça de quem se achava enamorado, poz fim á sua existencia dando um tiro na cabeça. Bonaparte era então primeiro consul; informado deste incidente, mandou publicar a seguinte ordem, para que tão covarde e vergonhoso acto não fizesse proselytos no seu exercito:

"Todo soldado deve saber vencer a dor e melancolia que nasçam das paixões, visto que tem tanto soffrimento para as afflicções da alma, e tanta firmeza para avançar contra a metralha de uma bateria. O soldado que sem resistencia se entrega á tristeza, e se mata por não podel-a vencer, é o mesmo que abandonaria o campo, sem esperar a victoria."

◆◆◆

Para lavar as rendas pretas

Dobra-se a renda em dobras iguaes e dá-se-lhe um ponto de cada lado para tornal-a firme. Se for muito larga dar-se-lhe-á mais um ponto no meio.

Põe-se de molho em cerveja e se esfrega bem sem passal-a depois em mais preparação alguma.

Tira-se de dentro da cerveja e enrola-se num panno em que se deixa ficar até estar só meio humida, isto é, mais ou menos molhada conforme a dureza que se lhe quer dar.

Para engommal-a, põe-se no avesso sobre uma baeta ou flanella espessa e cobrindo-se com um pedaço de cassa, para impedir o lustre que o ferro costuma deixar, engomando-se.

RECEITAS

Bacalháo com molho de salsa

Cosinhe n'agua pura um pedaço de bacalháo bem dessalgado, amarrado para não se desfazer. Serve-se bem quente depois de bem escorrido, com um molho de salsa no qual se exprema um limão. Acompanham o bacalháo assim preparado algumas batatas cozidas n'agua com pouco sol. Deve haver bastante molho de salsa para que se possa temperar o bacalhão e as batatas.

◆◆◆

Costelletas de vitella ao natural

Preparam-se as costellas de vitella, tirando-lhes as pelles e as gorduras, batem-se com um batedor pesado. Passam-se em manteiga fresca derretida e depois assam-se na grelha, em fogo brando para não queimar.

Temperam-se com pouco sal e pouca pimenta do reino, alguns minutos antes que estejam completamente grelhadas e servem-se ainda quentes.

◆◆◆

Maçãs com manteiga

Tira-se o miolo das maçãs e enche-se com manteiga de boa qualidade e assucar fino; põe-se no forno em uma pequena bandeja untada de manteiga. Depois arrumam-se em um prato guarnecido de flores e cerejas ou ameixas crystalisadas.

◆◆◆

Xarope indio

Dissolvem-se, em 4 litros de agua a ferver, 2 kilos de assucar branco; e juntam-se-lhes 50 grammas de acido citricto. Deixam-se esfriar completamente e juntam-se-lhes 6 grammas de essencia de limão e 6 grammas de espirito-de-vinho.

Agita-se bem por muito tempo, para se obter a mistura perfeita, e depois mette-se em garrafas.

Duas colheres deste xarope num copo daqua gazoza constituem uma deliciosa bebida.

USINA
SÃO GONÇALO
Fabrica de doces e licores, vinhos e vinagres de fructas, nacionaes, xaropes, aperitivos, vermouths, bebidas gazosas e espumantes - - - -
A' venda em todas as casas de fructas, de bebidas e armazens e no Deposito Geral á - - - - - -
Rua de S. José, 57
Telephone 4475-Central
RIO DE JANEIRO
J. SEABRA.
COMPOTA de Laranja
A BELLEZA...
só se adquire fazendo uso dos deliciosos doces, fructas crystallisadas e em compóta, doces em geleias, marmelada, goiabada, bananada e pecegada
DA USINA SÃO GONÇALO

NÃO FORAM PUBLICADOS

OS DIAS: 16 A 31